

ZONA DE CONTACTO



O Planalto Mirandês pode parecer, à primeira vista, apenas mais um caso de interioridade fragilizada, até esquecida. Contudo, as terras do Planalto são um laboratório vivo onde se manifestam, de forma intensa e paradoxal, processos da globalização. Longe de ser um local isolado, e apesar de quase esquecido por quem lá não vai ou lá não vive, o seu quotidiano é moldado pela negociação constante entre forças externas e resistências locais tenazes (paradoxo somente aparente). Para compreender a dinâmica deste espaço, é crucial mobilizar conceitos como os de fricção, aceleração e escala. Mas também, como nos recordam os textos que se seguem, de humano, não-humano e mais-do-que-humano.

A globalização, entendida como interconexão crescente de vidas e lugares, principalmente assente em fluxos acelerados de capital, informação e pessoas (ainda que numa escala inferior e sempre dificultada) não é um processo suave. Fricção, segundo a antropóloga Anna Tsing, é a resistência necessária que permite aos veículos da globalização funcionar, definindo a maneira como encontros desiguais ocorrem desigualmente.

Nas terras do planalto, esta fricção manifesta-se de modo mais eloquente, por exemplo, na Lhéngua Mirandesa. A segunda língua oficial de Portugal, não é apenas um marcador cultural local. É uma manifestação da fricção política e identitária contra a homogeneização imposta pela construção do Estado-nação e da hegemonia global do inglês, mas também do vizinho castelhano. Se a aceleração da construção do Estado-nação se evidenciou durante o Estado Novo, o reconhecimento da Lhéngua tardou porque a escala do estado-central não diminuiu. Noutros domínios, atente-se a reivindicação por dinheiros de impostos que nunca foram cobrados à(s) proprietária(s) das barragens.

A aceleração dos processos migratórios, iniciada em meados do século XX com a emigração para as cidades europeias e o êxodo rural para o litoral, resultou numa profunda desvitalização do Planalto. A escala local foi encolhida pelos factores de atração da escala global. Contudo, aquela aceleração está a ser convertida em novas formas de valor e defesa do território e do que nele vive, gentes, não-humanos e, como apontámos acima, mais-do-que-humano, por exemplo, o seu clima ou a sua luz.

Assistimos, portanto, a uma inversão paradoxal da globalização, ou, talvez antes a uma consequência da própria globalização. Os locais de baixa densidade, periféricos e definidos pela sua exclusão dos centros de poder vão, lentamente, transformando-se em lugares de atração onde se podem ensaiar formas de vida – nem hegemónicas, nem de massas. A diferença do Planalto é convertida num recurso endógeno valioso, encapsulando privilégios que só aprendemos a reconhecer na resistência aos excessos de escala, de fricção e velocidade da globalização. O contacto com a paisagem do Planalto, com a sua fauna e flora, mas também com as suas gentes, (re)valorizam a lentidão, o silêncio e/ou aquilo que fomos esquecendo, nomeadamente, que não há liberdade sem tempo, tempo não ocupado a produzir a própria globalização na sua faceta consumista. Daqui podem resultar novos quadros de fricção, entre a necessidade económica de mercantilizar o lugar (a sua paisagem, fauna e flora, e as suas particularidades culturais) e formas de resistência que, desejavelmente, pretendem preservar aquilo que só existe na justa medida da baixa densidade populacional.

Iniciativas e publicações como esta que aqui nos traz, lembram que o Planalto Mirandês é um palco da contemporaneidade e da sua complexidade. Gente de dentro e gente de fora procuram valorizar o que mais distingue o território: aquilo que desapareceu noutros lugares.

5

ANIMAIS À PORTA

Texto de Pedro Almeida
Fotografia de
Gonçalo Mota

27

GAITAS QUE ESPANTAM
OS LOBOS
Lar de S. Miguel,
Palaçoulo

62

ABUTRES
Fotoarmadilhagem
Alfabeto de ossos
Texto de Uliana de Castro

8

ENTRE O MEDO E
O FASCÍNIO

Serpentes do Planalto
Mirandês
Texto e fotografia de
Pedro Alves

30

ANDAR NA TERRA
com a alegria que
deveríamos imprimir
em cada gesto,
em cada respiro.
Texto de Ana Bragança

69

PARA LÁ DO MITO,
MORCEGOS
Entrevista a
Pedro Horta e
Helena Raposeira

17

REZA DO COXO
Miscelânea de répteis
e anfíbios

33

7 TEXTOS PARA
OS MAIS NOVOS
Os animais do planalto
Texto de Tiago Patrício

78

COLUMBA LIVIA
DOMESTICA
Coletivo FIELD

24

O LOBO: ENTRE O
ANJO E O DIABO
Texto de
Leonor Carvalho

47

7 TEXTOS PARA
OS MAIS VELHOS
Os caminhos do planalto
Texto de Tiago Patrício

81

FESTAS DO CICLO
DE INVERNO
Fotografia de
Cláudia Costa



ANIMAIS À PORTA⁶

A relação de partilha entre humanos e os outros animais (selvagens ou domésticos) é hoje bastante distinta do que era há 30, 40 ou 50 anos. A norma era a rua ser partilhada com galinhas, porcos, ovelhas, bovinos, cavalos ou asininos. A rua... e também a casa. Os animais que garantiam o sustento a uma família, quer pela sua carne ou através da sua força de trabalho, residiam na mesma área habitacional que os humanos. Na curriça, corte, estábulo, galinheiro, chiqueiro e ficavam nos fundos, a paredes meias com as cozinhas e quartos.

Ter animais era sinónimo de riqueza e, como tal, eram cuidadosamente protegidos. Uma junta de vacas, representava a garantia de produção de colheitas e por consequência algo imensurável como a subsistência de toda uma família. Nos aposentos humanos apenas os gatos tinham entrada livre, encarregados de "despachar" os indesejados ratos. Já os cães dependiam de quem os criava: uns acompanhavam o gado ou eram criados para caçar; outros, poucos, tinham o privilégio de entrar ocasionalmente em casa; e os mais infelizes, permaneciam acorrentados, a ladrar a tudo e todos os que passavam. As galinhas esvoaçavam sem cabeça em frente às portas das casas. E a matança do porco? Uma das ações comunitárias mais relevantes, fazia-se em ambiente de celebração no meio da rua, com familiares e vizinhos.

Nos campos e nos montes andavam os rebanhos (vacas, cabras, ovelhas e cães) e também os outros, os bravos, os fugidios, aqueles que evitam os humanos: corços, lobos, javalis, perdizes, lontras, texugos, raposas, papa-figos, estorninhos, cegonhas, abutres... Muitos dos quais eram avistados a rondar o termo do lugar em busca de hortas, capoeiras ou de uma cria perdida.

Neste contexto, a reprodução e representação zoomórfica surgia naturalmente, porque a convivência quotidiana com os animais do mesmo habitat dentro e fora das habitações tornava estas figuras um recurso habitual, simbólico e funcional. Os *Pica-puortas* são disso um bom exemplo. Forjados manualmente para manualmente se atribuir consentimento e permissão de entrada.

Os animais expostos guardam a fronteira entre o espaço exterior e o interior, o público e o privado, o profano e o sagrado, o desconhecido e a família. É pela porta, que se escuta, do interior, um "Entre, quem é?" após a batida firme da mão, ou de um "Ó da casa!". E entreabrir a porta é revelar um espaço íntimo, pessoal, tantas vezes secreto e restrito.

O *Pica-puortas*, com as suas figuras zoomórficas e os seus elementos arquitetónicos e geométricos, funciona como um escudo protetor contra intrusos mal-intencionados, contra o mau-olhado e espíritos malignos, mas é também através dele que se ostenta o estatuto social e económico.

O simbolismo dos guardiões que se exibem nos *Pica-puortas* não diferem das cobras enroladas à cintura ou das salamandras nas máscaras envergadas pelas figuras antropomórficas do solstício de inverno. A salamandra, por viver perto de água, é símbolo desse elemento e, consequentemente, da vida. A cobra, que se renova ao mudar de pele, (tal como uma fénix) representa o ciclo natural e a fertilidade agrícola. Além disso, (tal como uma aranha é associada a riqueza) o imaginário popular e contemporâneo visual, por exemplo em filmes de piratas ou na saga Indiana Jones, reforça a associação da cobra à guarda de tesouros e à proteção, muitas vezes acompanhada da crença de que morde apenas ao portador de más intenções. A cobra de duas cabeças, ainda mais rara do que um trevo de quatro folhas, simboliza por isso sorte, fortuna e uma proteção redobrada. A pomba, símbolo da anunciação e da paz entre Deus e o Humano, aparece representada isolada ou em casal (família e união).



A simbiose entre o humano e o animal; entre o sentido estético e a técnica; entre o que é íntimo e o que se oferece ao público, entre o sagrado e o profano, o divino e o terreno, o acolhedor e o protector, mas também o maligno e o indesejado, está patente no *Pica-puortas*, e prolonga-se para lá do próprio portal.

Essa presença simbiótica permanece latente nas próprias portas e, tal como o mundo se povoa de criaturas nos campos, montes, hortas, ruas e casas, também o limiar do entre-mundos se vê imbuído e vigiado por animais à porta.

Pedro Almeida



ENTRE O MEDO E O FASCÍNIO

O Planalto Mirandês acolhe uma das maiores diversidades de serpentes em Portugal: oito das dez espécies conhecidas no país. Com muita sorte e atenção podemos encontrar a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*), a cobra-de-escada (*Zamenis scalaris*), a cobra-lisa-bordalesa (*Coronella girondica*), a cobra-de-ferradura (*Hemorrhois hippocrepis*), a cobra-de-capuz (*Macroprotodon brevis*), as cobras-de-água (*Natrix astreptophora* e *Natrix maura*) e a víbora-cornuda (*Vipera latastei*). Soma-se ainda o licranço (*Anguis fragilis*), um lagarto sem patas que muitos tomam por cobra.

Na tradição oral, todas estas espécies se confundem. Muitas vezes são vistas como iguais: venenosas, ameaçadoras, capazes de hipnotizar e perseguir. Há crenças antigas de que entram pela boca de quem dorme ou que se alimentam do leite das mulheres e do gado. Em aldeias de Trás-os-Montes dizia-se: **"se a víbora ouvisse, e o licranço visse, não havia quem existisse"**. A frase ecoa um temor ancestral, mas a biologia mostra outra realidade: a víbora-cornuda não tem ouvidos externos, mas ouve sons de baixa frequência e vibrações no solo; já o licranço, tem visão funcional, apesar de mais limitada que outros lagartos.

Entre o temor e a magia, as serpentes aparecem também ligadas às mouras encantadas e a tesouros guardados em penedos ou fontes. Entre todas, é a víbora-cornuda que ocupa o lugar central no imaginário popular. Reconhecível pelo pequeno "corno" no focinho, vive em zonas pedregosas do planalto, onde caça sobretudo roedores. O seu veneno não evoluiu para atacar pessoas, mas para caçar; uma mordedura é séria e deve ter atenção médica, mas dificilmente é fatal. No entanto, a cultura popular fez dela um símbolo de perigo e de poder, a ponto de se usar cabeças secas de víbora em práticas de feitiçaria, mas também como amuleto de proteção.

Hoje sabemos que a víbora-cornuda não é um "bicho do demónio", mas parte integrante da paisagem viva do planalto. Entre o medo herdado e a realidade biológica, cabe-nos reinventar a forma como olhamos para estas serpentes. Talvez a maior riqueza que nos oferecem não esteja apenas na sua presença discreta entre penedos e lameiros ou no silencioso controlo das populações de ratos e outros pequenos animais, mas sobretudo na oportunidade de pensarmos como queremos coexistir com aquilo que, por tanto tempo, escolhemos temer.

Texto e fotografia de
Pedro Alves









Cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*)



Cobra-lisa-bordalesa (*Coronella girondica*)

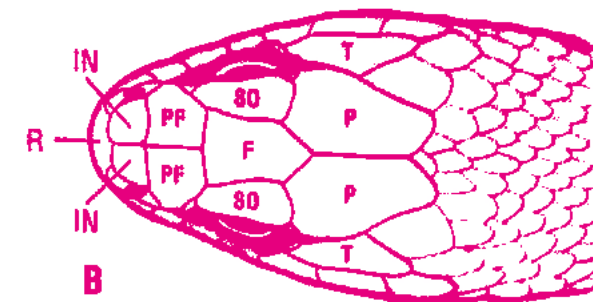
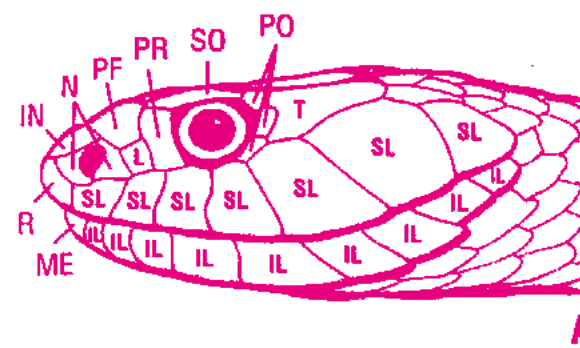
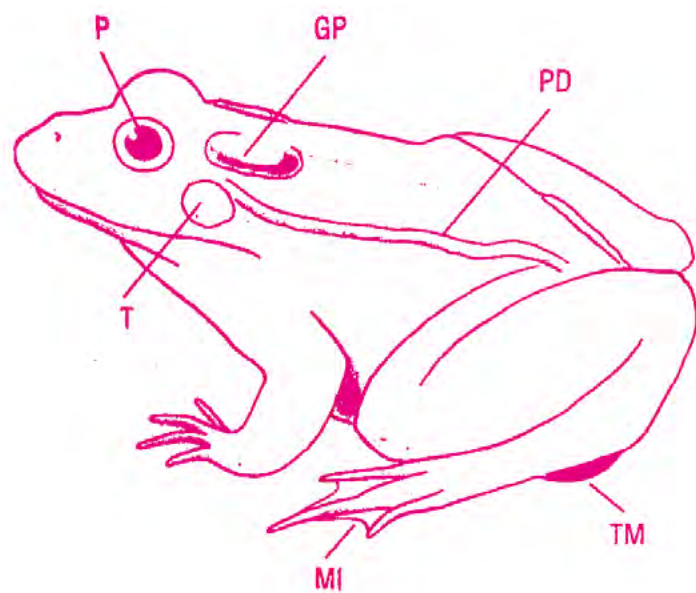
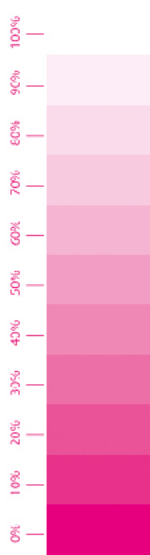
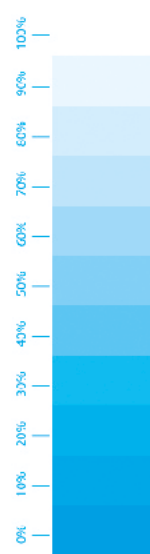


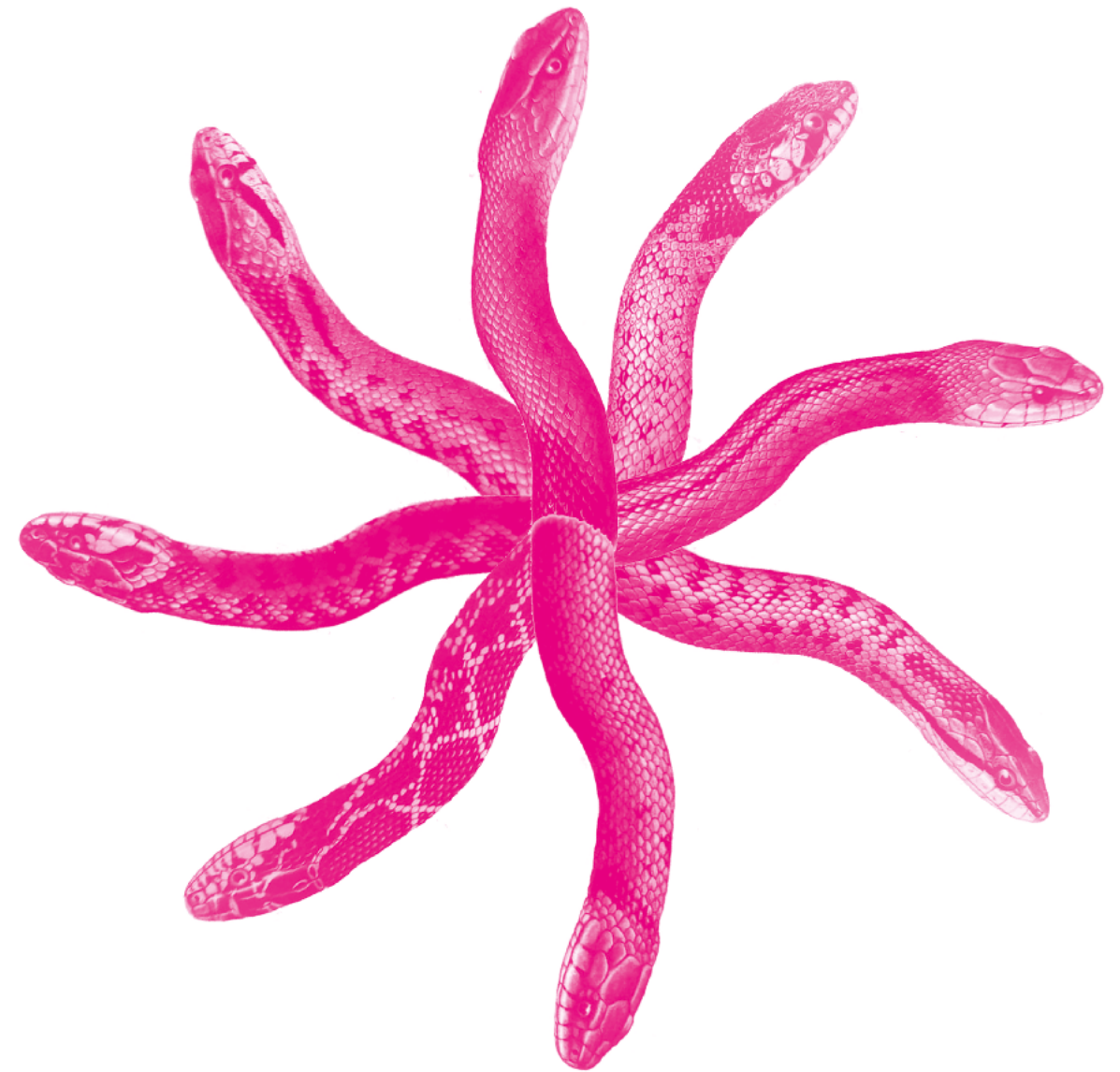
Cobra-de-escada (*Zamenis scalaris*)





Ponho fé e atenção,
 De matar este bicho,
 De carne cristão,
 Bicho, bichão, aranha, aranhão,
 Sapo, sapão, aranha, aranhão
 Cobra, cobrão, rato, ratão,
 Bicho de toda a nação.
 Eu te mato e te atalho,
 E te talho e te retalho,
 De pés e mãos e coração,
 E te corto, com a faca do pão,
 Para que não andes nem cresças,
 Nem juntes o rabo com a cabeça.
 Em honra de São Silvestre faço tudo este,
 E em honra e louvor de Nosso Senhor Jesus Cristo,
 Faço tudo isto, e em honra de São Silvestre
 E Deus e Virgem Maria um Pai-nosso e uma Ave-Maria.





Se dividirmos o reino animal em animais de Deus e animais do Diabo, a serpente é o Ani-Mal por excelência: incorpora e aceita todos os males e medos da humanidade, ao mesmo tempo que projecta, também, noções mais elevadas como a sabedoria e o poder.

A letra S com que a escrevemos parece desenhar o seu corpo e reproduzir-lhe o movimento ondulatório. O próprio som da palavra com que a nomeamos, é quase onomatopaico. Animal minimal, ela é, antes de mais a linha, e quando a linha se curva e se fecha, torna-se o círculo e símbolo de perfeição

B.I. da Serpente, Maria Teresa Meireles, Apenas Livros, 2003.

O lobo: entre o anjo e o diabo

Uma análise do artigo científico "Is science in danger of sanctifying the wolf?" de David Mech, 2012
Por Leonor Carvalho

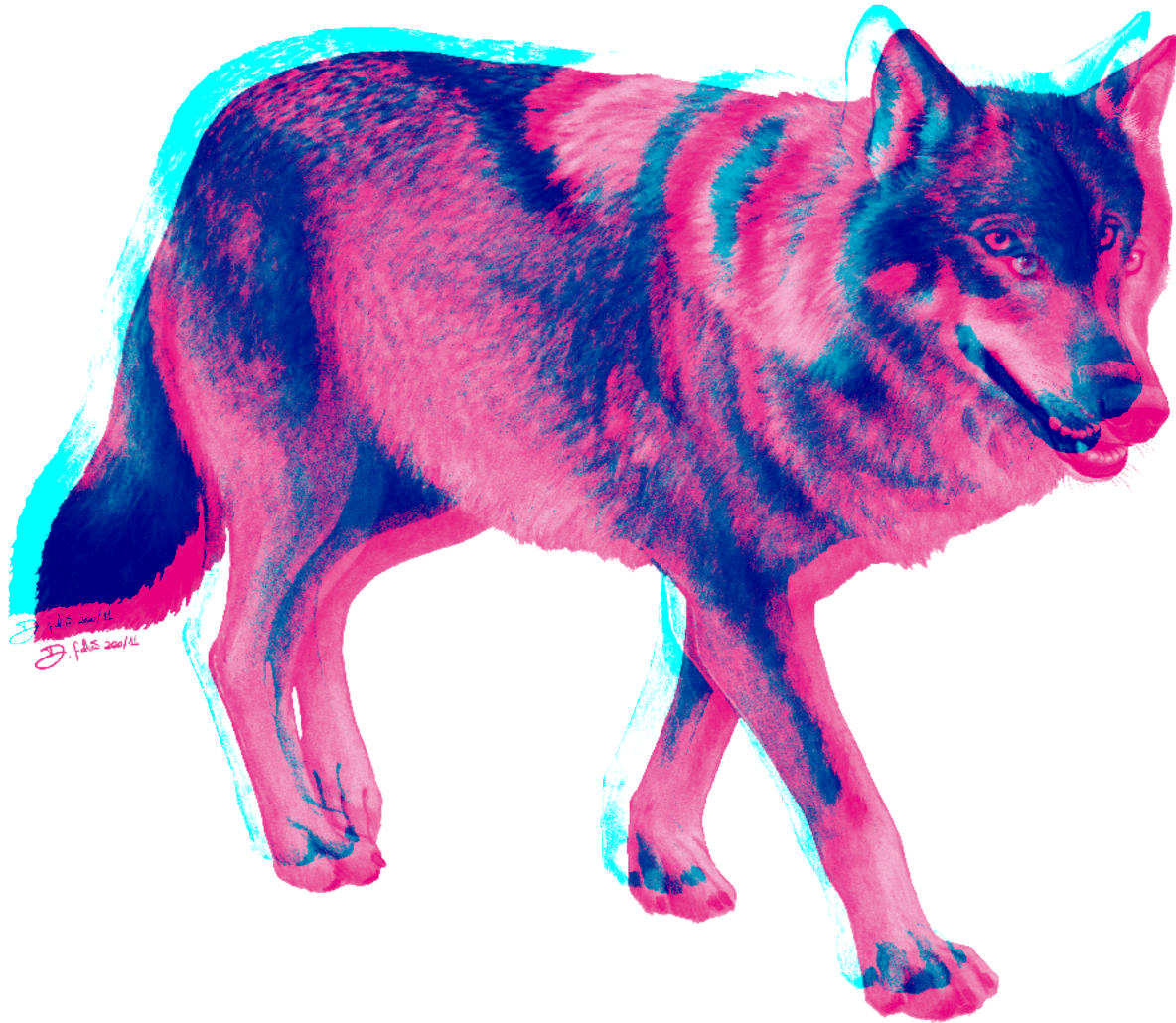


Ilustração de
Davina Falcão

Durante décadas, os lobos foram vistos como ameaças, com ditos populares como "lobo bom é lobo morto" refletindo a hostilidade pública e institucional que era hábito até às últimas décadas do século passado. No entanto, desde que os lobos foram reconhecidos como uma peça essencial do equilíbrio ecossistémico, as espécies lobeiras espalhadas pelo globo começaram a ser alvo de proteções nacionais e internacionais. Também a ciência e a advocacia ambiental cooperaram na catalisação da mudança de narrativa sobre o valor ecológico e identitário do lobo nas nossas paisagens.¹

Os lobos são frequentemente associados a efeitos ecológicos relevantes, sobretudo através das complexas cascatas tróficas que integram nos ecossistemas naturais. Ao exercerem pressão predatória sobre herbívoros, reduzem as suas populações e alteram o seu comportamento, favorecendo a regeneração da vegetação e beneficiando outras espécies, como aves e roedores.²

Em Yellowstone, chegou-se a sugerir que até os cursos de água foram influenciados pela presença dos lobos.³

No entanto, compreender os efeitos em cadeia provocados pelo predador de topo num ecossistema complexo exige rigor científico, e muitos investigadores alertam para exageros e simplificações.¹

As alcateias ocupam territórios bem definidos, que funcionam como zonas de alto risco para presas e outros predadores competidores. Nestas áreas, o comportamento das presas altera-se — tornam-se mais fugazes, mudam os seus ritmos circadianos e padrões de movimentação, estão mais alerta — estas movimentações "ansiosas" podem promover a recuperação da vegetação e, conseqüentemente, aumentar a biodiversidade.²

Por outro lado, a predação natural reduz indivíduos mais velhos ou debilitados, podendo beneficiar a saúde geral das populações, e ainda, é apontado aos lobos uma relação simpática com espécies necrófagas, uma vez que aumentam a disponibilidade uniforme de carcaças ao longo do ano.³

Mas sejamos objetivos, poderá o lobo passar de Diabo ao Espírito Santo?

A dinâmica das suas presas é influenciada por uma infinidade de fatores "alheios", como secas, invernos rigorosos e predação humana. Em Yellowstone, dizia-se que, ao diminuir o número de alces, o lobo foi responsável pelo aumento de castores na área, influenciando os seus rios. Esqueceram-se de dizer que o Serviço Florestal do Parque reintroduziu artificialmente 129 castores. Sobre o apoio a necrófagos, por norma as alcateias consomem entre 75% a 100% das suas presas, deixando muito pouca biomassa disponível!

Não temos de deambular entre o ódio e a bajulação cega. O lobo é uma espécie de efeitos dual e profundamente enraizados na naturalidade dos sistemas biológicos. Para que a conservação das alcateias seja eficaz a longo prazo, é necessário embeber a narrativa criada de fundamentações equilibradas e pouco extremistas. Numa altura em que a proteção ao canídeo selvagem é ameaçada, sejamos porta-voz da sua verdade, nem santificada, nem demonizada, apenas natural, dual, complexa...



1_David Mech, L. (2012). Is science in danger of sanctifying the wolf? *Biological Conservation*, 150(1), 143-149.

<https://doi.org/10.1016/j.biocon.2012.03.003>

2_Rossa, M., Lovari, S., & Ferretti, F. (2021). Spatiotemporal patterns of wolf, mesocarnivores and prey in a Mediterranean area. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 75(2). <https://doi.org/10.1007/s00265-020-02956-4>

3_Fortin, D., Beyer, H. L., Boyce, M. S., Smith, D. W., Duchesne, T., & Mao, J. S. (2005). Wolves influence elk movements: Behavior shapes a trophic cascade in Yellowstone National Park. *Ecology*, 86(5), 1320-1330. <https://doi.org/10.1890/04-0953>

4_Ausilio, G., Sand, H., Månsson, J., Mathisen, K. M., & Wikenros, C. (2021). Ecological Effects of Wolves in Anthropogenic Landscapes: The Potential for Trophic Cascades Is Context-Dependent. *Frontiers in Ecology and Evolution*, 8(January). <https://doi.org/10.3389/fevo.2020.577963>

dia 29-6-2003

Maria Antónia da Graça
gaitas que espantam
os lobos

Isabel Maria
Martins
Estevens Isabel Maria

Maria Inês dos Santos Tello
Margarida dos Santos Tello
gaitas que espantam os lobos

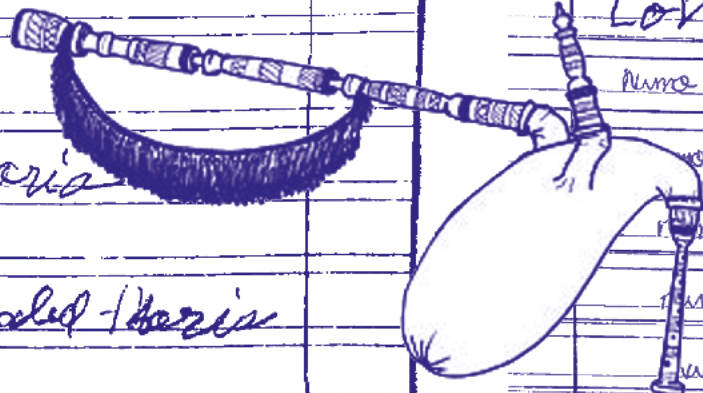
gaitas que espantam

Bernardina dos Anjos Turdides
gaitas que espantam lobos

gaitas que espantam lobos Bernardina dos Anjos Turdides

gaitas que espantam lobos

gaitas que espantam lobos



Jose Maria Martins
solteiro. gaitas
Lobos.

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

gaitas Est. Lobos.

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

nome miguel Rodrigues

gaitas Est. Lobos. gaitas Est. Lobos.

nome miguel Rodrigues

gaitas que espantam lobos

gaitas Est. Lobos.

Chau de Jacó
Chau de Jacó

Apam

Andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro.

Andar na Terra é saber que não estamos sobre ela, estamos nela. E eu sou daqui, desta árvore e daquela, das colinas em redor, da água que jorra da mina e que cai sobre o tanque de granito.

Sou do rude calor de Julho e sou do uivo que rasga o vento como uma lembrança de pertença.

Aprender a alegria de existir entre todas as formas de vida, aprender a reconhecer parentes nas folhas, nos troncos, nas ondas, nos lobos de Trás-os-Montes.

Vejo lobos de Trás-os-Montes, olhando a Penha, ouvindo para além dela. Atrás da Penha é um por trás dos montes, onde se escondem sopros, onde se acumulam pós, onde corre água sem limites ou fronteiras.

Aprender a olhar para as pedras como arquivos de memória, aprender a ver formigas a desenhar caminhos, aprender a desenhar caminhos.

Aprender sobre a coordenação perfeita, sincronizada, de um bando de pássaros.

Aprender estigmergia. Aprender a desenhar caminhos onde cada gesto individual orienta, inspira e transforma o movimento colectivo: sem necessidade de um comando central.

Nos voos dos pássaros, como nas pegadas das formigas e dos lobos de Trás-os-Montes, ou no caminho que eu traço no meu quintal, há uma comunicação invisível que liga seres distintos num mesmo gesto criador.

Estes desenhos efémeros, que o vento logo dissolve, são metáforas de um modo de habitar a Terra: atentos uns aos outros, conscientes de que cada acção, por mais pequena, contribui para a criação de um nós.

Imprimir em cada gesto este desenho e em cada respiro a alegria de saber o coração no ritmo da Terra.





7 textos
para os mais
novos

*Os animais
do planalto*

Tiago

Patrício

1

Esta é uma terra cheia de mistérios e de seres muito antigos. Onde animais e pessoas partilham o mesmo espaço e uma história comum. Por vezes encontram-se no mesmo lugar, mas a horas diferentes e nada sabem uns dos outros ou passam ao lado e não se vêem, nem imaginam que estão próximos e que se podiam tocar. Falamos de lobos, de morcegos, aves de rapina e répteis como quem fala de criaturas pré-históricas que rondavam os acampamentos ou as clareiras onde as comunidades humanas se abrigavam à volta de fogueiras, contavam histórias assustadoras sobre o princípio do mundo ou sobre acontecimentos do dia que terminava. E cada um procurava ocupar o tempo com tarefas essenciais à sobrevivência enquanto outros davam uso aos seus talentos, imitavam sons de aves, produziam ritmos, entalhavam ramos afiados ou lascavam figuras em madeira com lâminas rudimentares. Outros aluavam e diziam que isso dava sorte para as caçadas dos dias seguintes.

Dos lobos que se aproximavam, com fome ou curiosidade, sabemos que muitos acabaram por se afeiçoar às mãos que os alimentavam e tornaram-se parte da comunidade, elementos da família, companheiros das alegrias e dificuldades da vida campestre. No Planalto Mirandês, os lobos podem ter dado origem a três espécies de cães, os Podengos, o Perdigueiro e o famoso Cão de Gado Transmontano. Este será um dos grandes legados dos lobos, como tudo que tem um princípio também tem um fim, a linha de vida dos lobos selvagens estaria assim concluída e com grande sucesso. No momento da retirada do lobo ibérico, *Canis lupus signatus*, ficaríamos com os seus descendentes para recordação: há mais de dois milhões de cães domésticos, *Canis familiaris*, a viver em Portugal.

Lobo ibérico — João Ferreira



Foi sempre assim, no caminho evolutivo, umas espécies dão origem a outras e os antepassados ficam para trás, saudosos e respeitáveis, disponíveis em livros, catálogos electrónicos, descrições, fotografias e até em bancos genéticos onde será possível preservar o património da espécie para qualquer necessidade futura.

Mas será que podemos resolver todos os problemas à base da extinção? Desde acabar com os carros por causa dos acidentes rodoviários, fechar a internet por causa dos perigos das redes sociais ou mandar os adolescentes para um colégio interno quando se tornam insolentes? Já todos ouvimos muitas coisas sobre os lobos em Trás-os-Montes, em especial desde os últimos ataques a rebanhos entre Vimioso e Miranda do Douro. Aparecem à porta das aldeias todos os meses e os pastores sentem que andam a trabalhar para os filhos dos lobos.

Nos tempos antigos, dos Celtas e dos Romanos, as oferendas para acalmar a fúria dos deuses tinham lugar em cerimónias marcadas no calendário, havia um compromisso entre as pessoas e as figuras mitológicas que garantia alguma estabilidade. Mas esta forma de atacarem as ovelhas e de matar mais do que precisam estão a deixar os habitantes das aldeias em estado de revolta. E quando a revolta começa a fermentar, cuidado, porque a fúria sanguinária é contagiosa e a violência pode entrar numa espiral incontrolável.

O que deveremos então fazer, para acabar com os ataques destes seres que se escondem nas florestas? E o que terá acontecido para que os lobos esquivos perdessem o medo das pessoas e entrassem currais adentro? E entre nós, que considerávamos o lobo um património transmontano, mais um dos motivos de orgulho por vivermos num lugar que mete respeito e onde é preciso conhecer o terreno e mostrar coragem e sabedoria? Será que queremos simplesmente erradicar os lobos da nossa paisagem? Espalhar veneno pelas serranias, montar armadilhas perigosas para quem passa, mulheres, crianças e velhos, lançar fogo aos bosques, encher de chumbo qualquer bicho peludo que se aproxime? E em relação às águias e aos abutres que patrulham o planalto e as arribas à procura de carniça? E às cobras, em especial a víbora cornuda, que anda por entre a folhagem no Outono à procura de pequenos animais, ratinhos do campo, lagartixas e besouros? E aos morcegos, ratos com asas que saem de noite para jantar insectos e voam rente às nossas cabeças enquanto fazem a limpeza de mosquitos e de lagartas pragas para as vinhas, hortas e pomares? O que devemos fazer? Se dermos caminho a todos os animais que nos incomodam também damos cabo da nossa casa que é esta terra de penedos e ermidas, de vales férteis e bosques antigos.

2

No tempo de São Francisco de Assis, padroeiro dos animais, havia um lobo muito grande, que atacava o gado e as pessoas à volta da cidade italiana de Gubbio, o que provocava um grande terror em quem vivia nos arredores e nos viajantes que precisavam de atravessar a floresta. Andavam sempre armados e formaram milícias para se defenderem daquele lobo terrível, mas sem sucesso. São Francisco quis defender os habitantes da cidade e ofereceu-se para encontrar o lobo. Benzeu-se e avançou desarmado e descalço para o lugar onde se dizia que o lobo estava escondido. Ao deparar-se com o lobo a avançar na sua direcção, São Francisco fez o sinal da cruz, chamou-o e disse: “Aproxima-te irmão lobo, venho pedir-te da parte de Cristo que não me faças mal nem a mais ninguém”. E o lobo baixou a cabeça, manso como um cordeiro, e deitou-se aos pés de São Francisco.

Segundo São Francisco, à ferocidade devemos contrapor a compaixão e a doçura. Uma vez que o lobo estava habituado a ser atacado pelos homens que se aproximavam dele, a resposta natural do lobo era de contra-atacar, mas a forma amigável de São Francisco teve um efeito pacificador. A interpretação deste episódio costuma alargar-se ao convívio entre pessoas, mostrando que os gestos violentos geram ainda mais violência, mas se a resposta for compreensiva e se acolhermos os nossos inimigos como irmãos será possível encontrar a paz.

Daí que São Francisco o tratasse por “irmão lobo” antes de enumerar os seus crimes: “Cometestes grandes males às criaturas de Deus, mataste e devoraste animais sem licença e tiveste a ousadia de matar pessoas, o que dá direito à força. Nesta terra só geraste ódio por ti e pela tua raça, mas quero que a paz entre ti e os homens seja feita, de modo que não os persigas nem às suas ovelhas e que eles te perdoem as ofensas passadas e deixem de te dar caça.”

A oração atribuída a São Francisco de Assis diz logo no início: “Senhor fazei de mim um instrumento da vossa paz”, uma inspiração para quem procura reconciliar-se de zangas antigas ou ódios familiares.

Uma das formas de São Francisco acabar com o conflito foi pela promessa de que o povo desta cidade passaria a alimentar o lobo em troca de cessarem os ataques. Como prova do acordo estendeu a mão para receber o seu juramento e o lobo levantou a pata direita como sinal de confiança. São Francisco segurou na pata do animal e disse: “Irmão lobo, peço-te em nome de Jesus Cristo que venhas comigo confirmar esta paz em nome de Deus”. E o lobo seguiu-o como um companheiro até às portas da cidade. Ao vê-los entrar pelas ruas, os habitantes ficaram muito admirados e todos quiseram acompanhá-los até à praça assistir ao momento em que São Francisco e o lobo celebraram a pacificação.

Além do pão espiritual que São Francisco ofereceu ao lobo, pelo sinal da cruz e pelas palavras de Deus, também é possível que lhe tivesse oferecido alimento para lhe saciar a voracidade. São Francisco terá percebido que o seu mal era fome e que o motivo dos ataques às pessoas não era a vontade de lhes fazer mal, mas a vontade de comer as suas cabras e ovelhas. Seriam tempos de escassez aqueles, de falta de alimento natural dos lobos nas florestas próximas de Gubbio ou este lobo teria escolhido um covil demasiado próximo das aldeias em torno da cidade, o que tornava os conflitos quase diários. As ofertas voluntárias de alimento por parte da população acabaram por tornar aquele lobo num símbolo da cidade: O Lobo de Gubbio.

Mas nem todas as soluções temporárias se tornam efectivas e as formas de tributo tendem a ser abandonadas à medida que as novas gerações ganham autonomia e vontade de alterar antigas práticas. O afastamento para zonas menos habitadas por humanos e com linhas de conflito menos tensas é habitual em alcateias que procuraram evitar maus encontros. O problema é que a terra não é infinita e os homens entram em guerra por causa dos territórios, querem avançar os seus domínios à custa dos mais fracos, incendeiam, ferem e matam sem piedade.

São Francisco — Wenceslaus Hollar (século XVII)



S. FRANCISCVS

3

Este encontro de São Francisco com o Lobo de Gubbio pode ser comparado ao pedido para visitar o Sultão do Egípto Al-Kamil durante a Quinta Cruzada no ano de 1219. Esta cruzada tentava reconquistar Jerusalém e o Egípto, mas terminou com uma derrota para os exércitos cristãos, com muitos mortos, feridos e ainda mais prisioneiros. São Francisco conseguiu ser recebido pelo Sultão e pediu-lhe misericórdia no tratamento dos cavaleiros cruzados, o que teve bom acolhimento por parte do soberano. Conta-se ainda que, anos mais tarde, Al-Kamil terá pedido o baptismo antes de morrer, pela simpatia pelo cristianismo que São Francisco insuflou no seu coração.

Em tempos, lobos e homens viviam em territórios comuns, alcateias de um lado, pessoas do outro. Por vezes, um lobo solitário aproximava-se e por vezes alguém se apiedava e estendia-lhe algum conduto, osso de cabrito ou pé de porco. E a coisa repetia-se e a mão que alimenta também afaga e recebe sinais de agradecimento. Aos poucos o lobo senta-se, encosta o focinho e ensina os melhores trilhos para encontrar herbívoros escondidos em tocas ou aves distraídas. Quem desperdiçou comida e tempo com um animal selvagem chega à aldeia com lebres e perdizes apanhados por este novo amigo para admiração de todos. E mais tarde, quando os filhotes crescem e aprendem a caçar em grupo, conseguem encurralar cabras montesas, javalis e cervos que dantes nem se deixavam tocar. Mas o tempo da abundância termina e o frio obriga à deslocação para terras mais baixas e apertadas.

Palombar_FAUNET



Pelo caminho há pequenos lameiros, num deles um pequeno grupo de ovelhas rodeado por muros de pedra aguarda pela noite. São tão fáceis de apanhar que matam mais do que as necessárias para todo o Inverno. O problema é que as ovelhas têm donos que as mantêm e contam com elas para alimentar a família, fazer queijo, usar a lã para a roupa. Assim que percebem o que aconteceu vão querer satisfações, poderá haver uma discussão, lutas, feridos, talvez até seja necessário morrer alguém até chegarem a um acordo de divisão das terras, marcação dos domínios, tal como os termos das vilas e das aldeias. Poderão ser meses ou anos de violência, até as duas partes ficarem exaustas e aceitarem tréguas, com promessas de paz e cooperação, mas os ressentimentos mantêm-se e as picardias sucedem-se e novos episódios de violência repetem-se, geração após geração.

Se pensarmos nestas coisas todas, percebemos que é quase um milagre o estado de paz a que chegámos nestas terras raianas, habituadas ao contrabando, às facadas de domingo à tarde à porta das tabernas ou às pedradas por causa de alguma pêra ou romã colhidas em árvore alheia. Sabemos que as leis que permitem a convivência entre as pessoas nasceram dos conflitos e existem para os evitar e mediar. E agora, que já sabemos como começam as guerras e quais as consequências, por que não saltamos a parte do sofrimento evitável e passamos logo para a fase do acordo? Não há razões para deixarmos que o sangue de pessoas e animais escorra pelas ruas das nossas aldeias.

Já ouvimos muitas pessoas contar o que aconteceu em Vilar Seco, Genísio, Águas Vivas, Duas Igrejas, Uva e Picote. Já vimos fotografias e montagens com recurso à Inteligência Artificial e as reacções naturais de quem perdeu os seus animais da noite para o dia. E se os lobos também pudessem comentar o que está a acontecer? Diriam que estamos na terra deles e que não são obrigados a reconhecer as nossas leis de propriedade sobre as ovelhas? Ou que já não temos Cães de Gado Transmontano com coleiras de pregos para marcar as fronteiras entre o nosso território e o deles? Mas esta discussão pode levar-nos por maus caminhos. É evidente que os lobos deviam ser sensíveis aos nossos argumentos e deixarem de se aproximar das nossas aldeias, de entrar nos lameiros e de saltar as cercas onde as ovelhas descansam!

Uma coisa é certa, nunca houve tantas casas vazias, aldeias desertas e abandono das terras como agora, quais os motivos destes desentendimentos? Porque vindes tão afoitos por essas noites escuras? Terá sido pelo abandono do Nordeste Transmontano que eles se começaram a aproximar? Porque há trinta ou quarenta anos havia sempre gente por esses caminhos e havia cães e burros e juntas de bois a circular a qualquer hora do dia. Agora, as famílias recuam para as vilas e cidades e os lobos expandem o seu território, porque eles não são cães mansos que dão a pata e rebolam, nem podem viver apenas num redil com alimentadores e cuidadores de bata branca. Também querem apurar a sua descendência com as suas técnicas de caça e as leis da alcateia. Mas nós ainda estamos aqui e pelas antigas leis do uso e do benefício, temos o direito a defender-nos.

4

Há quem garanta que um dia os animais e as árvores voltarão a falar connosco e não será necessário estudar botânica para entender a linguagem que as plantas usam para comunicar os seus lamentos ou avisos sobre o perigo dos incêndios, tal como não será obrigatório ir para uma escola de línguas para ouvir o que os lobos, as aves, os répteis e os morcegos têm para dizer. Mas é preciso apurar o ouvido e treinar a forma como olhamos para as coisas. Reparem num campo de trigo com os fardos enrolados naquele tom de amarelo quente ao longo do planalto inclinado. À medida que nos aproximamos sente-se um ritmo grave como se depois da ceifa a pele de um enorme tambor dilatasse ao sol forte da tarde e percutisse a cada lufada de ar quente. Entretanto, um relâmpago seco com o seu rugido a espalhar-se à superfície da terra e um som mais agudo cresce ao longe, não sabemos se do lado do rio Douro, se da ribeira de Angueira, se do rio Maças. Em breve percebemos que não é apenas um, mas vários sons de frotas em simpatia. São pastores com flautas de tamborileiro que tocam e percutem as caixas enquanto as ovelhas se encaminham para as cortes. Do lado dos pombais são gaitas-de-fole transmontanas, com os ponteiros numa afinação primitiva. O tocador enche o fole de pele de cabra e consegue tocar e cantar ao mesmo tempo. E depois é o som das Trindades de uma igreja ao perto que se junta a esta harmonização.

Na aldeia de Constantim, por exemplo, havia cinco tamborileiros e três gaiteiros, quando terminava a jorna ouviam-se a tocar, cada um da sua parte. Era uma coisa inexplicável aqueles sons vindos de todos os lados. Durante muitos anos não se deu valor a estes tocadores, porque os instrumentos pareciam rudimentares, porque as canções que se ouviam na televisão eram outras, porque se tinha perdido a ligação com a terra e com os animais. Foi preciso vir gente de fora para dar valor ao que tínhamos. É sempre assim. Mas as gaitas-de-fole transmontana voltaram a ouvir-se, com trinta anos de intervalo irregular, mas com afinações mais precisas. Apareceram grupos de tocadores, orquestras de foles, escolas de gaitas que ensinam quem quiser, os que ainda cá estão e os que vêm para o planalto aprender, fascinados pela mitologia celta ou pelo som que toca certas fibras nervosas e põe toda a gente a bailar assim que se aproxima de um povoado. Quem visita a oficina do Célio Pires, na aldeia de Constantim, percebe que o saber acumulado dos antigos se pode conservar e aprimorar, ultrapassar fronteiras e barreiras linguísticas.

Em breve chega o solstício de Inverno, com as festas dos velhos, para iniciar os mais novos, para afastar os medos, depois o Entrudo chocalheiro com as máscaras e as histórias dos nossos antigos que temiam os lobos e os seres sobrenaturais que viviam nas florestas, mas criaram figuras aparentadas com eles: os Trasgos, os Zanganitos, os Corrilários. E nestes dias, todos têm lugar dentro da aldeia, figuras animais e humanas em rodopio. O selvagem e o racional envoltos em danças e cores garridas. Quem sabe se não podemos aprender com eles a lidar com os novos perigos? Escolhemos dois dias por ano para deitar fora o que nos mói, para gritar todas as nossas razões, para berrar por quem não atende aos nossos pedidos, para desejar mil vezes aos outros o mal que não chegámos a ter. E depois destes dias de excepção podemos dedicar o resto do ano a viver em paz, a construir projectos em conjunto e a praticar boas acções, a arrumar o nosso quarto antes de nos queixarmos da desarrumação do mundo.

Cláudia Costa





Loba Capitolina com Rômulo e Remo (bronze, séc. XI–XII)

Os lobos têm estado sempre presentes de atalaia, simbolizam o perigo, mas também a força e a abundância, a lealdade e a independência. Há uma lenda que conta a história de Rômulo e Remo, dois gémeos abandonados no rio Tibre e adoptados por uma loba que os amamentou até serem encontrados por um pastor que os levou para casa onde a sua mulher tomou conta deles como se fossem seus filhos. Mais tarde, estes dois irmãos entraram em conflito pela posse de um território e o vencedor, Rômulo, acabaria por fundar a cidade de Roma e por se tornar o seu primeiro rei.

Outra personagem criada por lobos é Mowgli, uma criança abandonada numa floresta indiana e adoptada por uma alcateia que lhe ensina as leis dos animais: as leis da Selva. Mowgli é a Criança-Lobo do livro de Rudyard Kipling que inspirou séries e filmes e que serviu de modelo a Robert Baden-Powell, o fundador do movimento escutista, para criar as regras e a simbologia dos Lobitos, o primeiro grupo dos escuteiros composto por crianças entre os seis e os dez anos de idade. A estrutura hierárquica e as personagens deste livro oferecem um cenário pedagógico sobre o respeito, a entreatajuda, a organização e o trabalho de equipa.

O livro aborda o conceito de Povo Livre, que corresponde à alcateia organizada, onde todos aceitam a Lei e cumprem as regras, porque só há liberdade quando as leis são claras para todos e há penalidades para as transgressões.



“RUIDEO LAY AS STILL AS STILL, EXPECTING EVERY MINUTE TO SEE MOWGLI TURN INTO A TIGER, TOO.”

Na alcateia defende-se a restrição da caça e o respeito por todos os animais, bem como o cuidado com os elementos mais vulneráveis: o mais forte protege os mais fracos.

Os vários nomes e símbolos do escutismo derivam diretamente deste livro, escrito no final do século XIX, o chefe da alcateia é uma loba chamada Àkelá e as outras personagens são um urso, uma pantera, uma cobra e um elefante, respectivamente: Baloo, Bagheera, Kaa e Hathi. As primeiras leis que os escuteiros aprendem no primeiro ano são muito simples: “o Lobito escuta a Àquelá, e “o Lobito não se escuta a si próprio”. Estes ensinamentos são muito importantes nesta fase da vida em que o desafio e a oposição aos mais velhos são frequentes porque ajudam as crianças a controlar os seus instintos ainda em fase de maturação e apelam à obediência a quem foi confiada a sua segurança e a sua educação.

Além destas duas leis há um conjunto de máximas que confirmam estes princípios: “o Lobito pensa primeiro no seu semelhante, o Lobito sabe ver e ouvir, o Lobito é asseado, o Lobito é verdadeiro, o Lobito é alegre”. Estas regras servem de orientação e promovem o espírito de comunidade, o respeito pelos mais velhos, o altruísmo e o cuidado pessoal.

Quem passou pelos escuteiros reconhece a ligação à natureza e aos lobos, assim como a importância das regras da alcateia, do sentido de responsabilidade e do trabalho em conjunto. Pensar primeiro nos nossos semelhantes, pessoas ou animais, pode ajudar-nos a lidar com os problemas que nos afligem. Lembrar que todos somos criaturas de Deus e temos dentro de nós o poder e a responsabilidade de tomar conta uns dos outros é uma boa forma de começar cada novo dia que se nos oferece.

6

Quando éramos pequenos diziam-nos para não nos afastarmos da aldeia e contavam histórias de abutres com mais de dois metros de asa que desciam do céu para nos apanhar, afilavam as garras assim nos ombros e levavam-nos para o ninho para dar de comer aos filhotes, tudo para que não andássemos sozinhos nos montes. O meu avô contava que um rapaz da vila veio passar as férias com os tios e foi apanhado por um desses passarões, o que lhe valeu foi um caçador que estava por perto e lhe deu duas chumbadas pra que largasse a presa. Não ia muito alto e o garoto caiu em cima de uns fardos de palha, foi isso que o salvou... São bichos danados, às vezes andam em bandos a vigiar o céu à cata de algum animal distraído, uma lebre ou uma perdiz, o que seja. E se aparecer uma criança de dois ou três anos também serve.

É preciso dizer que, naquele tempo, as crianças valiam pouco, especialmente quando eram pequenas. Dava-se mais valor a um burro, a uma bezerra ou mesmo a um cão de caça. E o motivo é que as crianças morriam muito, especialmente até aos dois anos, morriam de febres, de zoiira, apanhadas por um carro ao escurecer ou levadas por algum abutre, como o meu avô contava. Por estes motivos, é natural que as famílias só se afeiçoassem às crianças a partir dos seis ou sete anos quando já tinham ultrapassado as idades perigosas e podiam fazer recados, levar o almoço aos pais, limpar a cortelha do porco, ajudar na horta. A partir dos nove ou dez anos, então, começavam a render e a ganhar as primeiras jeiras.

Abutres do Sul da Europa, litografia a partir de "Brebms Tierleben", edição ca. 1892



Südeuropäische Greier.

1 Rüttengeier, 2 Schmutzgeier, 3 Gänsegeier.

Antes disso, quase nem se perdia tempo a falar com elas, se choramingassem as mães prendiam-lhes uma côdea ao pescoço, se tivessem algum pão, mas, a maior parte das vezes, apanhavam uma lostra ou uma nalgada. Algumas tinham problemas de linguagem e portavam-se como selvagens, em especial as que tinham os pais longe, a trabalhar no campo de manhã à noite. Estas crianças descalças e cheias de monco, passavam os dias na rua e juntavam-se em matilhas para se protegerem, em especial dos cães.

Isto acontecia há muitos anos, é certo, nem há muito interesse em lembrar aqueles tempos, mas é importante explicar que, até aos anos oitenta, havia cães que mordiam crianças e velhos e passavam impunes, eles e os donos. Na minha aldeia, por exemplo, havia meia dúzia de cães soltos que atacavam quem se aproximasse dos seus domínios. Lembro-me de muita gente que foi mordida, a minha avó teve de levar injeções de penicilina e ficou de cama durante mais de uma semana depois de ser mordida por um cão pastor.

No meu caso, ia ficando sem a mão direita, mas podia ter sido pior, se o cão me tivesse filado o pescoço. Andar com um pau na mão era uma das poucas defesas, porque não adiantava reclamar com os donos: “O cão não morde”. E se alguma criança era mordida: “O garoto não tem nada que vir cheirar à minha porta.”

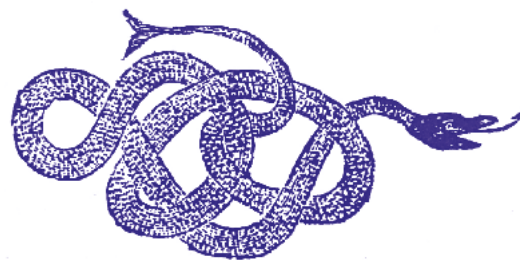
Quando o meu avô alertava para os perigos de andar longe de casa, culpava os abutres e, por vezes, as águias que roubam a caça aos caçadores e têm licença para caçar todo o ano, seja noite seja dia. Mas nunca mencionava os cães, um perigo real para as crianças da minha idade e para os mais velhos, de serem feridos com gravidade ou de contraírem raiva, numa altura em que as vacinas não eram tão comuns... O meu avô nem sequer tinha cães, nem era caçador, mas preferia atribuir a culpa a animais exteriores à aldeia, estrangeiros à comunidade e que viviam sob regras e hábitos diversos. Os cães perigosos eram de vizinhos com quem precisava de manter a cordialidade, pessoas iguais a ele, que mantinham aqueles cães fora de controlo como uma extravagância que não valia a pena contrariar.

7

Havia uma história que se contava sobre um pastor que levava o gado para um lameiro ao pé de uma eira e que gostava muito de animais, em especial dos mais pequenos: borregas, cachorros, mas também rapositos, lobecos, grilos, lagartixas ou até cobras pequenas. Uma tarde apareceu-lhe uma cobra acabada de sair do ninho, sozinha, perdida e com fome. Ver-teu um pouco de leite de uma ovelha para uma poça da eira onde estava sentado e afastou-se para que a cobra bebesse à vontade. No dia seguinte, a cobra tornou a aparecer e o pastor voltou a dar-lhe leite. Isto deve ter acontecido durante vários dias, até que o pastor foi com o gado para outro lameiro mais longe e não voltou a ter sinais da cobra. Passados meses, passou pela eira sozinho e sem o gado e reparou numa cobra que lhe saiu ao caminho, devia ser a mesma cobra que tinha alimentado com leite de ovelha e ela parecia reconhecê-lo. O pastor abrandou para olhar para ela, contente por se reencontrarem. Era agora uma cobra adulta, quase com dois metros e aproximava-se da poça na rocha à espera que o pastor a enchesse de leite, mas, naquele dia, o pastor não trazia as ovelhas nem tinha leite para lhe dar. Conta-se que a cobra ficou tão furiosa que se enrolou ao seu pescoço e tentou asfixiá-lo. Se não fossem algumas pessoas que passavam ali ao pé e ouviram os seus pedidos de socorro, o pastor tinha morrido ali mesmo.

Esta história era contada em contexto escolar e tinha como objectivo reforçar o medo das cobras nas crianças, deslocando-as para o lado dos inimigos mortais, daqueles que devemos evitar porque só há dois caminhos: a fuga ou a morte por asfixia. Mas apesar dos avisos evidentes sobre os perigos das cobras, mesmo das mais pequenas, concluindo que nunca devemos fazer amizade com elas, há um detalhe que sempre me deixou curioso, a questão do leite, uma vez que os répteis não têm interesse neste alimento. Qual o motivo para introduzir uma imprecisão tão evidente numa história com fins educativos? O facto de ter sido contada por uma professora primária torna-a ainda mais estranha. Será que o uso deste artifício gerado por sabedoria popular, de que as cobras bebem leite, servia para fazer passar sem objecções a ideia de que as cobras atacam pessoas por vingança? E trazer ao primeiro plano da discussão a parte menos importante: afinal as cobras bebem leite ou não?

Em certas circunstâncias é possível fazer passar uma mentira entre duas afirmações verdadeiras, um modelo habitual para disseminar informação falsa, mas neste caso, a professora foi mais longe e conseguiu, fazer passar duas falsidades juntas, como se martelasse uma regra matemática conhecida: menos com menos dá mais.



7 textos para os mais velhos *Os caminhos do planalto* Tiago Patrício

1

Uma ocasião ia uma mulher a cavalo numa burra e viu um lobo ao longe a chegar-se a ela, sempre a acompanhá-la. Ficou toda arrepiada e nem conseguia dizer uma palavra que fosse. Depois de chegar a casa continuou com os pêlos eriçados e meteu-se na cama. Na manhã seguinte continuava sem se mexer como se a alma tivesse fugido e o corpo inerte continuasse ali, à espera que o lobo terminasse o serviço.

Na altura quase não havia carros, nem carreiras e as pessoas para irem de uns sítios para os outros, para outra aldeia ou para a vila tratar de algum assunto tinham de ir a pé ou nas bestas. E por vezes apareciam lobos, normalmente machos solitários à procura de algum animal doente ou assim. E acompanhavam as pessoas pelos caminhos ao anoitecer. Uma vez, um irmão meu ia levar o jantar ao meu pai que andava com as ovelhas perto de Aldeia Nova. Ia numa burrica e senti um lobo descer ao caminho, sempre a acompanhar e de vez em quando mostrava-se. Ele ia cheio de medo, ainda era meio pequeno e ainda faltava muito para chegar ao sítio onde estava o nosso pai com o gado e com os cães. Não sabia o que havia de fazer, até que a burrica se foi encostando a um muro de pedra. Se calhar também pressentiu o perigo e estava assustada.

O meu irmão agarrou dois calhaus de cima do muro, esperou que o lobo se aproximasse e atirou-lhos, um de cada vez. O lobo assustou-se e desapareceu. O meu irmão lá conseguiu chegar ao lameiro, ainda a tremer de medo. O meu pai sossegou-o e disse-lhe que o lobo não ia atacá-lo, até porque ele ia em cima da burra, mas, um bicho daqueles mete respeito a qualquer um, quanto mais a uma criança. O meu irmão já não se atreveu a voltar sozinho para casa e durante muito tempo só andava na rua acompanhado por alguém mais velho.



“GOOD LUCK GO WITH YOU, O CHIEF OF THE WOLVES.”

2

A tia Lúcia sente-se culpada pelo ataque dos lobos ao rebanho do ti Viriato. Ontem à tardinha encontrei o ti Viriato com as ovelhas e não sei o que me passou pela cabeça, mas convenci-o a deixar o rebanho do lado de fora da corte. Estava uma noite tão bonita, que era bom para as ovelhas ficarem no lameiro para aproveitarem a aragem e o céu estrelado. Era muito melhor do que estarem todas apertadas no curral, com o calor e as pestilências. Ele ainda advertiu, atão e o lobo? Qual lobo, ti Viriato, não vê que os lobos não se chegam às aldeias?

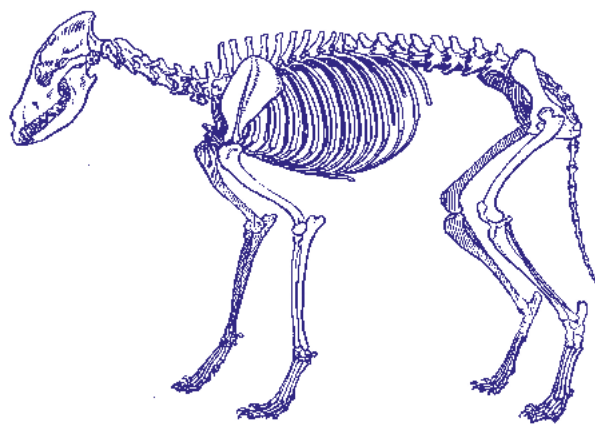
E havia de ser logo ontem que apareceram os lobos aqui. Quer dizer, não sei se foi um sozinho ou uma matilha, o que é certo é que não fizeram barulho nenhum. A minha casa é mesmo ao pé do lameiro e não dei por nada, nem eu nem as vizinhas. Só de manhã é que nos apareceu aquela tristeza das ovelhas mortas. Ainda por cima mataram mais do que as que comeram. Dizem que é para evitar que as ovelhas andem a balir e a chocalhar à roda. Querem comer sossegados e atiram-se ao pescoço delas.

Agora é preciso dar parte à GNR ou ao Parque para tratarem do seguro, alguma coisa há-de receber, coitado, mas nem chega a metade do valor das borregas e demoram muito a pagar. E entrementes uma pessoa fica a arder, é o trabalho de um ano que vai por água abaixo. Uma pessoa fica descorçoada, mesmo que tenha apreço pelos lobos, sabendo que andam aqui a rondar a aldeia fico com medo. Podem atacar pessoas, entrar nas casas, levar alguma criança. Bem, agora também já não há crianças... foi-se tudo embora. Só ficámos cá nós, os velhos.

3

Antigamente recolhiam-se as ovelhas às cortes, agora costume deixá-las fora, tenho as vedações, tenho os cães bem treinados e nunca tive problema nenhum. Nem com lobos, nem com cães selvagens, nem com ladrões de gado, que também os há por aí, cuidado! Mas numa ocasião aqui há uns 50 anos, estava em Vale de Frades, ali ao pé de Vimioso, numa tarde assim como hoje, abafada e caíam umas pingas. Estava ali sentado numa fraga ao pé da raia e vejo subir três lobos. Dois pequenos e um grande, os mais pequenos vinham um de cada lado e o grande avançou assim a uns vinte metros, levantou a cabeçorra e pôs-se a cheirar na minha direcção e eu não tive alternativa. Timba! Caiu logo redondo e os outros fugiram. Era maior do que aquele burro pequeno. Devia pesar uns cem quilos. Um bicho daqueles, se quiser, dá cabo de uma pessoa em dois tempos. É verdade que não é costume atacarem a gente, nunca ouvi tal coisa por aqui, mas nunca se sabe, às vezes com a fome... Na altura ainda era permitido matar lobos, mas passado pouco tempo passou a ser proibido, só em caso de perigo, o que até foi o caso. Três lobos direitos a mim, qualquer um fazia o mesmo. Depois fui chamar um colega para o levarmos atado pelas patas a um toro e uns pastores que nos viram passar perguntaram se podiam ficar com ele. Para lhe tirarem a pele, quase de certeza. Mas foi a única vez que me vi assim cercado por lobos.

Naquela altura, se fosse daqui pra Miranda e tivesse um lobo a acompanhar-me, mesmo que entrasse numa povoação, quando fosse a sair pra seguir caminho, o lobo voltava ao meu encalço. Deixava-me entrar no povo, dava a volta pelas devesas e saía do outro lado. Parece que adivinhava. Têm o faro muito apurado, com aqueles focinhos compridos conseguem farejar um animal ferido muito ao longe. A maior parte do alimento que arranjam é dessa maneira. São capazes de correr vinte ou trinta quilómetros, de uma ponta à outra do termo de Miranda à procura de um veado velho ou de um javali ferido. Sempre foi esta a vida dos lobos por aqui. Agora, faltando comida e havendo por aí tantas ovelhas no pasto, tenrinhas e à mão de semear, meu amigo, qualquer um fazia o mesmo. O que há a fazer é simples, arranjar cercas, ter dois ou três cães para as defender e dar sinal assim que aparecer algum lobo por perto. Não há-de ser assim tão difícil. Sempre foi o que fizemos por aqui, não é preciso inventar a pólvora.



SKELETON OF WOLF.

4

Os lobos, inimigos mortais dos homens, terror das crianças pequenas, acabaram por trazer gente nova para as aldeias, estagiários que se apaixonaram pelo planalto, pelas aldeias, pelos habitantes, pelas histórias, pelos costumes e adoptaram formas de convivência por vezes estranhas a quem está habituado a ver doutores e engenheiros de fatiota, longe da terra, dos trilhos, das tarefas agrícolas, do manejo dos animais. E estes doutores dos pássaros, das cobras e dos lagartos, estes barbudos que falavam com os lobos, alimentavam as águias e os abutres, acabaram por arranjar parselhas e tiveram filhos, muitos filhos, crianças como já não se viam em certas aldeias havia mais de quinze ou vinte anos.

E estes lobos, águias e morcegos que sempre aqui viveram, escondidos lá longe no monte, continuam a trazer mais curiosos da natureza, turistas de outros países, professores de universidades, estagiários que voltam anos mais tarde para fundar associações, pequenas empresas e criar empregos em sítios onde a terra já não dá sustento e de onde todos quem saíam. Este movimento de regresso ao interior foi inspirado pela simpatia pelo que é remoto e misterioso. Parece uma ideia contra-intuitiva que causa desconfiança porque das grandes cidades só chegam doenças, vícios e maus costumes. Mas é como a história das vacinas, como é que injectando vírus nas pessoas as protegemos desses mesmo agentes mortais? Ou como a história da penicilina, como é que o bolor, que estraga a comida, acabou por dar origem a um antibiótico que continua a salvar milhões de vidas e a diminuir a mortalidade infantil?

Mas nem tudo são boas notícias, é preciso estar atento, os agricultores, os pastores, os apicultores e todos os que dependem dos caprichos da Natureza sabem que o trabalho nunca acaba, que mesmo nas alturas de pousio ou nos dias em que não se pode sair para o campo há coisas a fazer, cuidados a ter com as alfaías, com isto e com aquilo. Os perigos espreitam a cada dia. O que ontem era seguro hoje já não funciona. Só uma coisa parece não mudar: Com o lobo não queremos ter contas. Não vale a pena, a única forma é eles lá longe, se possível do outro lado do rio e com uma cerca eléctrica à volta e nós aqui, no nosso cantinho, com as nossas coisas, o nosso gado e as nossas crianças, mesmo que haja cada vez menos. E não vale a pena continuar a conversa.

Mas parar é morrer e temos de insistir. Para quem quer trabalhar há sempre coisas para fazer, tarefas que ninguém faz por nós, como o registo dos saberes acumulados por gerações na posse dos mais velhos e que estão de partida. É preciso ouvi-los, anotar o que dizem e o que pensam, compreender as suas rotinas e os seus motivos secretos. E também queremos contar com os mais novos, os que estão a começar a ver este mundo pela primeira vez e que, daqui a alguns anos, terão de tomar decisões. É importante passar a palavra e descrever o que foi e que pode voltar, como as marés, que vão e vêm, é inevitável. Mas se soubermos o que aconteceu estaremos preparados para as dificuldades e para valorizar o que não devemos perder, o sentido de comunidade alargada aos animais e às plantas e o sentido de família alargada aos amigos próximos e aos que vivem longe.

5

Já estamos fartos de ouvir a história dos lobos que deram origem aos cães que hoje são os melhores amigos do homem, das crianças, dos velhos e que ajudam quem não vê a atravessar as ruas, os bombeiros a salvar pessoas, os polícias a prevenir crimes, que são uma companhia para quem vive na solidão... Por estes motivos, podemos dizer que o serviço dos lobos está feito: transformaram-se em cães e agora já não precisamos deles. É como se fossem pré-históricos. É ou não é? Como os dinossauros. Se aparecessem outra vez aquelas criaturas gigantes a comer tudo à volta, como é que ia ser? Não havia maneira de nos defendermos e, mais tarde ou mais cedo, acabavam com a nossa raça. Ora, com o lobo é a mesma coisa, se o deixarem crescer e multiplicar-se vai ganhar terreno e enquanto o diabo esfrega um olho entra nas aldeias e depois nas vilas e por aí adiante. É preciso pensar nestas coisas. E não adianta dizer que o lobo é como os carros vassoura da Volta a Portugal em Bicicleta, que só apanha os animais fracos e doentes que andam pelos montes e que sem o trabalho deles as carcaças ficavam por aí a apodrecer. Atão, mas e os abutres, não se alimentam dessas carcaças? Ah, pois, esses passarões não conseguem entrar no mato cerrado, claro, só aproveitam a carne em espaços abertos. São muito esquisitos esses bichos e cheios de manias.

Também dizem que os lobos controlam os javalis e os veados, porque sem eles tornavam-se numa praga que ia comer às hortas e dar cabo das árvores de fruto. Não era mais fácil deixar os caçadores tratar deles? Se dessem licença de caça permanente isto ia encher-se caçadores de todas as partes do país e até do estrangeiro.

Assim é que ia aumentar o turismo de qualidade. Sabeis quanto é que um caçador era capaz de pagar para caçar todos os dias durante uma semana? Sabeis? E escusais de falar de acidentes e de gente apanhada por fogo amigo ou da poluição por causa do chumbo que eu não quero saber disso pra nada.

Só vos quero dizer mais uma coisa antes de ir esaldar as nabiças prós burros: as coisas que sabem bem como os enchidos, os queijos amanteigados e os churrascos bem regados com tinto fazem mal à saúde e os médicos estão sempre a dizer que não podemos abusar e que as carnes vermelhas só uma vez por semana. Mas o que é insonso ou sabe mal, isso já faz bem à saúde e temos de gramar com eles ao almoço e ao jantar. Ora bem, o que estais a tentar dizer com a vossa conversa é que os lobos que atacam as borregas e ameaçam as nossas aldeias afinal são bons pra desenvolver o interior... É ou não é? Estais a tentar convencer-nos de que os lobos, os abutres e as águias, que sempre foram uma moléstia para nós, vão ser a nossa salvação... Estamos bem aviados convosco... Mas nem vós sois médicos, nem a nossa terra se pode sujeitar às vossas extravagâncias. Além do mais, nós é que devíamos escolher que médico queremos. No meu caso, sendo eu a pagar, prefiro um médico que não me venha com essas tretas, porque isto é pra viver enquanto cá estamos e não vale a pena fazer muitas contas, porque, quem não bebe nem come e tem cuidado também vai deitado como os outros e às vezes até vai mais cedo. Essa é que é essa... lá o resto, pode ser muito bonito, mas pra nós, lobos à porta é que não. Muito obrigado.

6

Além da sua aura de predador silencioso e sanguinário, o lobo também simboliza o sedutor sorrateiro, que enfeitiça as crianças e os adolescentes com o seu olhar amarelado, o seu pêlo denso e o seu porte majestoso. Há histórias de pessoas que deixaram de falar durante semanas depois de cruzarem o olhar com o de um lobo. Outros que depois de serem tocados pela sua cauda num carreiro da floresta são tomados de um terror tão intenso que acabam por se entregar aos lobos nos dias seguintes como sonâmbulos sob efeito de uma hipnose. As fábulas alusivas aos lobos alertam para o mesmo perigo. A mais famosa é a do Capuchinho Vermelho, um conto popular europeu, adaptado pelo francês Charles Perrault, no final do século XVII, com o objectivo de pôr de sobreaviso as jovens raparigas que se deixavam encantar pelos predadores de voz maviosa que as desencaminhavam nas ruas das cidades ou as surpreendiam nos corredores das casas senhoriais onde serviam como criadas, deixando-as marcadas e sem remissão pelo signo do lobo predador. Perrault esclarece que este é um lobo no sentido figurado, com essência de predador humano: “Há-os de um humor gracioso, subtis, sem fel e sem cólera, que - familiares, complacentes e doces - seguem as jovens até às suas casas, até mesmo aos seus quartos; mas ai! Quem não sabe que estes lobos delicodoces são de todos os lobos os mais perigosos.”

No século XIX, os irmãos Grimm retiram o sentido alegórico à figura do lobo e apresentam-na com o seu aspecto mais literal: uma fera selvagem e perigosa que ronda as aldeias e se esconde nos recantos da floresta. Além disto, introduzem uma personagem intermédia e salvífica: o Caçador que resgata o Capuchinho Vermelho e a sua Avozinha da barriga do Lobo traçoeiro, substituindo-as por pedras que o levam a cair num poço e a morrer afogado. O Lobo Mau é castigado pela sua avidez e carregará nas histórias futuras o peso da culpa. Além disto, será o alvo favorito dos caçadores de todas as florestas.



O Capuchinho Vermelho encontra o velho pai Lobo — ilustração sem título de Gustave Doré para Les Contes de Perrault, de Charles Perrault, edição originalmente publicada em 1862.

Nos últimos anos apareceram novas versões deste conto. Uma das mais interessantes foi escrita por Roald Dahl e foi traduzida para português com o título: “Histórias em Versos para Meninos Perversos”. Estes versos em rima cruzada revisitam outros contos famosos, como a Branca de Neve, os Três Porquinhos, a Cinderela e o João Pé de Feijão, além da Capuchinho Vermelho que acaba por ser o modelo central para descrever a tensão entre os humanos e os animais. Todas as figuras são dotadas de discurso e as acções das figuras secundárias estão de acordo com as características a que as associamos, ou seja: os lobos são movidos pela voracidade, os porquinhos pela avareza, as irmãs da Cinderela pela cupidez, os anões pela rotina cega e o Gigante do João Pé de Feijão pela fealdade e apetite por carne humana. As personagens principais acabam por ser a Capuchinho Vermelho, que cresce e se torna numa especialista em matar lobos. Esta famosa lobeira será chamada pelos Porquinhos quando se sentem ameaçados. Quanto ao Lobo Mau em pessoa, decide disfarçar-se de Caçador e entrar em casa da Capuchinho para devorar os seus filhos, mas acaba por ser vencido pela hospitalidade do mais novo, que o leva a desistir da sua vingança sangüinária. Esta versão parece estar de acordo com o escritor galego Anxel Fole que garante que os lobos atacam quando farejam o medo e que a melhor forma de fazer frente às suas ameaças é a coragem para os enfrentar.

Há várias discussões sobre a simbologia do Lobo Mau, uma das quais se afasta do habitual perigo associado aos estranhos que andam pela calada da noite e que assaltam as nossas casas, mas incide nos instintos animalescos que existem em cada um de nós e que se podem revelar em certos momentos. Há quem adiante que a figura do Lobo Mau, na narrativa Capuchinho Vermelho, representa um irmão mais novo da avozinha ou um filho problemático que se dedica à violência doméstica como forma de vida e que se prepara para fazer o mesmo à Capuchinho inocente.

Temos vários motivos para não perseguir os lobos por atacado, dentro das populações estáveis, haverá dissensões e desvios às regras da alcateia que é preciso castigar, mas primeiro há que reunir provas e decidir de forma imparcial. Tal como não se pode julgar toda a humanidade por comportamentos individuais, também não devemos fazer o mesmo com os lobos.

7

Na peça de teatro “O Mercador de Veneza” de Shakespeare, escrita no Século XVI, o agiota Shylock, pretende que a dívida do Mercador seja paga com 1 libra de carne retirada do corpo do devedor e justifica a sua insistência com o direito de vingança com base num ressentimento antigo entre os dois. O advogado de defesa do Mercador pergunta se “deveríamos matar tudo aquilo de que não gostamos?”. E Shylock responde: “mas não gostaríamos todos de matar o que odiamos? Deixarias a serpente morder-te duas vezes?”

Os defensores do Mercador insinuam que Shylock tem o espírito de um lobo matador de homens porque os seus desejos são sanguinários, esfaimados e vorazes. Nestes breves diálogos podemos encontrar todas as marcas associadas aos anátemas históricos contra os lobos e as serpentes. Mas também a diferença entre o direito à vingança e o direito a uma justiça com recurso a um advogado e a um juiz imparcial, uma vez que as formas de justiça popular se deixam afectar pela inflamação irracional, tornando-as injustas e desproporcionais. Se nas aldeias e vilas do interior voltarmos às batidas com fachuqueiros e calagouças por esses montes a matar tudo o que nos incomoda ou nos assusta, pouco irá resistir à fúria. Mesmo que as razões contra os lobos sejam muitas, isto criará um precedente para ir atrás de outras espécies, como as raposas que roubam galinhas, as toupeiras que esburacam as hortas, os tourões que dão cabo das abóboras e os insectos que enchem a fruta de bicheza. O que é que pode impedir uma população, farta de ver a fruta estragar-se, de criar um campanha de erradicação em massa dos insectos? É claro que isto iria acabar com uma parte da polinização e os alimentos iam escassear, quer para as pessoas quer para as aves e para outros predadores da cadeia trófica. Mas, depois do mal feito seria tarde para o remediar.

The most excellent Historie of the *Merchant* of Venice.

With the extreame crueltie of *Shylocke the Iewe*
towards the sayd Merchant, in cutting a iust pound
of his fleſhe and the obtrayning of *Portia*
by the choiſe of three
chests.

As it hath bene diuers times acted by the Lord
Chamberlaine his Seruants.

Written by William Shakespeare.



AT LONDON,
Printed by I. R. for Thomas Heyes,
and are to be ſold in Paules Church-yard, at the
ſigne of the Greene Dragon.
1600.

Entretanto, o cão do vizinho, que compartilha as nossas ansiedades passa as noites a ladrar. A solução mais simples e silenciosa será atirar-lhe uma porção de carne envenenada, que o vizinho acabará por descobrir e vingar-se no nosso carro. Será depois a nossa vez de ripostar, incendiando-lhe o anexo, o que irá subir a parada na espiral de violência que os livros descrevem, os filmes mostram e a nossa compreensão entende como uma série de tragédias comuns aos tempos de ódio e de sementes de violência.

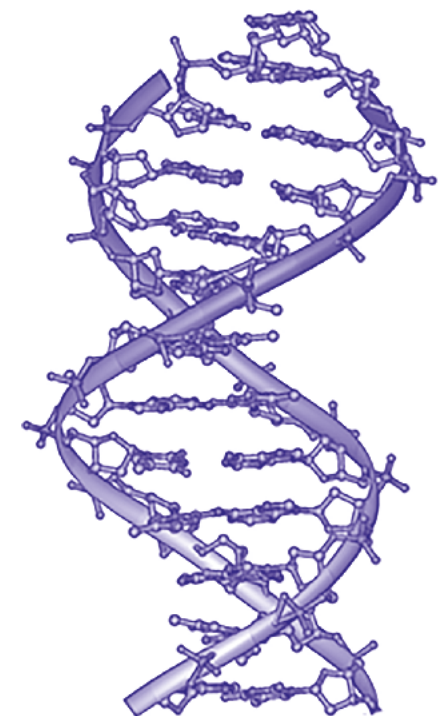
É certo que nos devemos defender e antecipar os ataques, dentro dos limites do razoável e da lei, porque não vale a pena ansiar por uma vida sem contingências, sem perigos, nem perdas. Mas, o bicho homem é o que é. “E quem não se sente não é filho de boa gente.”

Havendo ataques de um predador de topo aos rebanhos todos os meses é preciso fazer alguma coisa, saber se há matilhas de cães ou se uma nova alcateia se instalou demasiado próxima da aldeia, é um assunto que não deverá ser desvalorizado para bem das pessoas, mas também dos lobos, encurralados num território demasiado estreito para existirem. A protecção do Lobo Ibérico resulta de directivas de protecção e faz parte do articulado jurídico que sustenta a nossa sociedade, o estado social, mas os conflitos e as tensões deverão ser tratadas sem desprezar os receios fundados e alguma forma de entendimento deverá ser encontrada.

O meu avô transmuntano, de uma aldeia encaixada num vale de xisto, contava que dois irmãos se zangaram depois de um deles ter ido para a cidade desbaratar a herança dos pais. Quando regressou, vários anos depois, ficou a viver numa quinta próxima da aldeia, numa casa velha onde chovia e o vento entrava pelas frinchas. De vez em quando arrastava-se até ao café à espera que alguém lhe pagasse um copo. Depois passava em casa do irmão, mas era quase sempre mal recebido. Um dia, atormentado com as dores e a sentir-se rejeitado por toda a gente, mandou recado para que o irmão lhe emprestasse uma pistola porque precisava de fazer uma viagem longa. O irmão mandou a pistola por um criado e desejou-lhe boa viagem. O meu avô contava que o homem apareceu morto e que o irmão se meteu na cama angustiado por o ter desprezado: “Dantes só encontrava razões para o enxotar de casa, mas agora sinto-me cheio de culpa por não o ter ajudado.”

Não devemos desejar boa viagem aos lobos porque fazem parte da nossa história e porque partilhamos o mesmo território há milhares de anos, mas devemos, como é natural, encontrar uma forma de coexistência sem perder a humanidade. Conseguimos, nos últimos anos, chegar a níveis de bem-estar superiores aos dos antigos condes, marqueses ou senhores do antigamente. A maioria dos transmuntanos tem acesso a uma grande variedade de alimentos, a casas confortáveis, com luz eléctrica, água canalizada, internet e níveis de segurança superiores aos do tempo das facadas à porta das tabernas ou das machadadas ao pé da mina de água. E sem esquecer o ensino público, as bibliotecas municipais e ainda as piscinas aquecidas para quem quiser nadar depois de um dia de trabalho. Mas, a organização social e o articulado de leis, decretos, liberdades e garantias, com protecção laboral e ambiental é um pacote completo, com margem para alterações e melhorias, que faz parte de um todo e dá consistência social. É um equilíbrio precário que pode ruir se a vontade de preservação ceder à vontade de destruição.

A verdade é que a recuperação de animais extintos, associada a ideias de grandeza ou de superação de desafios por parte de cientistas tem obtido bom acolhimento junto de certos financiadores. No entanto, os lobos, que ainda estão entre nós e remetem para ideais de força, coragem e astúcia, têm sido alvo de sentimentos crescentes de animosidade por toda a Europa. Em Portugal, a selecção de Rugby adoptou para si própria a designação de “Os Lobos”, precisamente por causa da resistência, da ferocidade e do trabalho em equipa, mas o nosso governo aceitou com naturalidade a perda do estatuto de protecção especial dos lobos e há cada vez mais adeptos do regresso à caça. Será que só conseguiremos admirá-los como uma recordação longínqua para adaptarmos as suas características às nossas preferências ou para fantasiarmos com o seu regresso através da engenharia genética?



Estrutura do DNA.

Existem projectos concretos para recuperar espécies extintas como o Mamute, o Lobo-da-Tasmânia, o Tigre Dentes-de-Sabre e até o Auroque, um bovino de grande porte que existia por toda a Europa e que aparece representado em muitas pinturas rupestres. Em relação aos Auroques, extintos no século XVII, existem motivos sentimentais ligados à evolução humana e outros utilitários para a sua recuperação, no sentido de apurar raças de herbívoros capazes de sobreviver em zonas isoladas e de se reproduzirem de forma autónoma. O Vale do Côa começou a receber animais de uma espécie recriada através de cruzamentos selectivos a que deram o nome de Tauros. Estes bovinos conseguem criar manadas e espalhar-se por outras zonas mais montanhosas onde o Lobo Ibérico mantém o seu território. Se forem reintroduzidas cabras montesas e cervos, tal como previsto, as alcateias destes territórios já não terão necessidade de se aproximar das aldeias para atacar o gado. E talvez se possam deixar os lobos sossegados, na vida deles, porque, às vezes, é só isso que eles procuram. Criar os seus filhotes, vê-los crescer, uivar em certas noites para comunicar a posição ou o estado de espírito.

E nós? Seres frágeis que sobrevivemos aos predadores, que nos protegemos dos perigos, que construímos casas de cimento onde os lobos não conseguem entrar, que inventámos carros para irmos mais rápido do que qualquer animal. Mas, as nossas casas fortes não aguentam os vendavais que arrancam os telhados, nem as correntes das cheias que derrubam as paredes, nem as labaredas em fúria que derretem carros, casas e gente por onde passam. Há outros perigos à espreita, ameaças naturais que é preciso entender, equilíbrios entre plantas, animais e microrganismos de que é preciso cuidar. Nem sempre estamos no centro do mundo, nem sempre temos a última palavra, nem sempre há uma coisa certa a fazer.

Devo especiais agradecimentos aos elementos das associações do Planalto Mirandês, aos biólogos que participaram neste projecto, mas também aos habitantes que me contaram as suas histórias, ao Sr. Manuel de Palaçoulo, ao Sr. Artur da aldeia de Paradela e ao Célio Pires de Constantim. Ao meu avô Alberto da aldeia de Mós.

Tiago Patrício





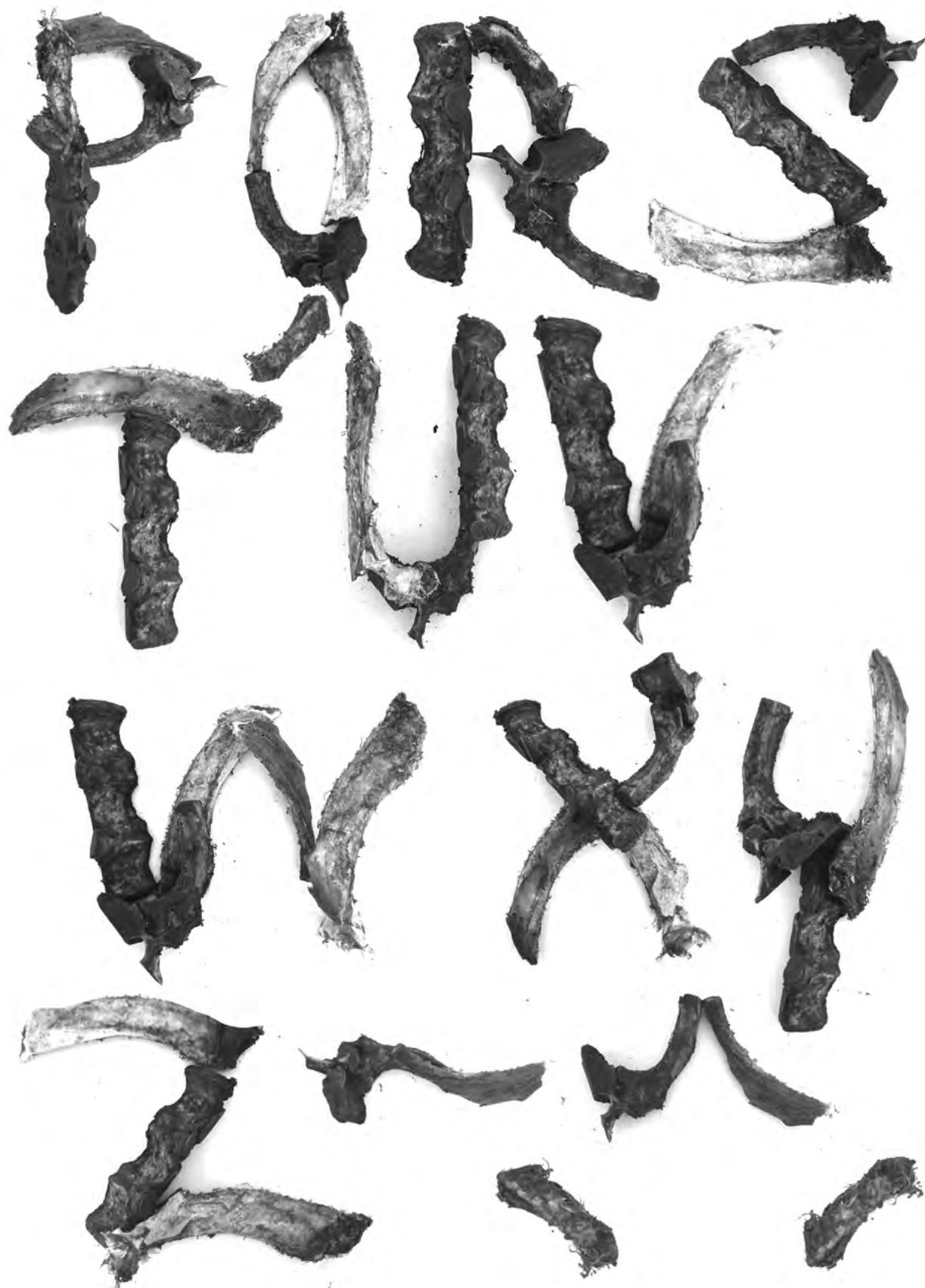
LE LOUP DE GUBBIO AUX PIEDS DE SAINT FRANÇOIS.
D'après une eau-forte de J. B. M. Pierre (dix-huitième siècle).

*Ao ver o lobo, São Francisco fez o sinal da cruz, chamou-o e disse:
“Vem até aqui irmão lobo, venho pedir-te da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém.”
E o lobo baixou a cabeça, aproximou-se, manso como um cordeiro, e deitou-se aos pés de São Francisco.*



Palombar_FAUNET





05-31-2023 12:23:16



32 C 28 inHg

PALOMBAR

08/21/2020 01:53PM



45 C

PALOMBAR

08/09/2024 02:30PM



29 C 27 inHg

TRAILCAM01

05/07/2020 05:44PM



33 C

PALOMBAR

05/30/2024 09:18AM

Alimento em tempos de crise. No isolamento e solidão íngreme das Arribas, tempos houve em que, para escapar à fome, os que nesta terra viviam aventuravam-se nos ângulos sinuosos das escarpas do Douro para apanhar ovos e crias de abutres. Comiam-nos. Quem se alimenta da morte, também já matou a fome ao homem quando as entranhas clamavam por sustento.

O abutre que anuncia a chegada do cuco. O britango, o mais pequeno dos abutres europeus, é o único que migra. Na rota desde África rumo ao Planalto Mirandês, onde desfruta os tempos de primavera e estio, chega a Terras de Miranda à frente do cuco, também ele vindo do mesmo continente. Por isso, por cá, ao abutre migrador, deram-lhe o nome de mensageiro ou almocreve do cuco.

ENTREVISTA COM O VAMPIRO



Bushnell

M

98F37C ●

06-06-2024 11:12:16

1



Myotis escalerai ©Marta Borges

Caminhos no céu a guardar rebanhos. Em terras mirandesas de transumância e pecuária extensiva, onde o gado corre livre pelas serranias, os abutres também traçam no céu os seus caminhos, na senda dos pastores. Sempre à espreita, a aguardar por alguma carcaça que lhes mate a fome. Companheiros de viagem nos montes de fraga agreste, levam o que já não nos serve, na morte e vida que se regenera.

Por Uliana de Castro

Helena Raposeira
Pedro Horta

pelos alunos do 10ºA – Ciências e
Tecnologias (24/25) Miranda do Douro

HELENA Olá, eu sou a Helena Raposeira, tenho 41 anos e trabalho com morcegos, sou bióloga.

PEDRO O meu nome é Pedro Horta, tenho 39 anos e também sou biólogo.

E o que vos levou a estudar essas espécies?

HELENA O desconhecimento das espécies. Há muitas espécies de aves e mamíferos que já são bem estudados, mas os morcegos não. E foi essa curiosidade que me despertou.

E qual é a curiosidade mais interessante dos morcegos?

HELENA A capacidade de vôo, por exemplo.

Porquê?

HELENA Por serem mamíferos, ou seja, não têm as mesmas capacidades de leveza como as aves. E sendo mamíferos, com as suas limitações, têm as mesmas excelentes capacidades e adaptações. E poderem voar com tanta destreza no meio da floresta, sem colidir com nada. Acho que é bastante interessante.

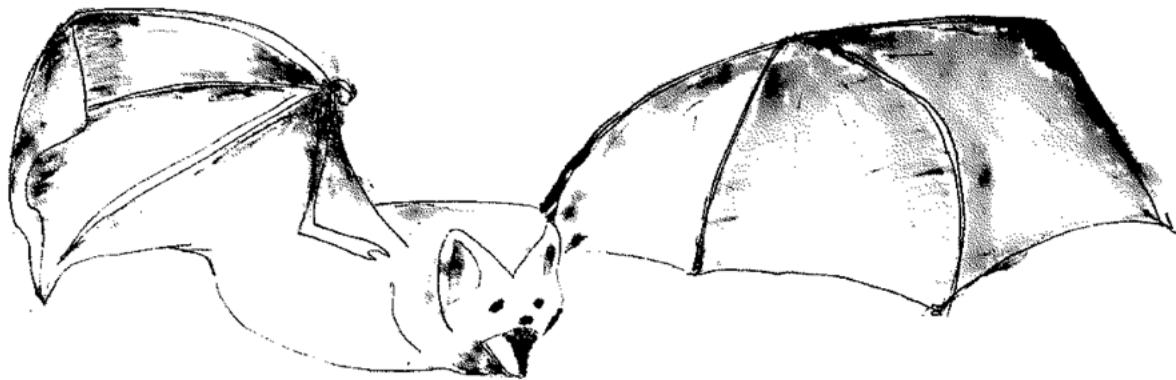
E para vocês, o que divide os animais selvagens dos humanos?

PEDRO Essa é uma boa pergunta. Podíamos dizer que os seres humanos têm uma consciência, que os animais selvagens não teriam, mas eu tenho muitas dúvidas sobre isso também.(...) Portanto, o argumentário que se utiliza para separar os seres humanos dos restantes animais, que os seres humanos têm sentimentos, também parece ser outro argumento que não me parece válido. Então chegamos a uma conclusão que não há assim tanto que nos separa e nos diferencia dos animais selvagens. Todos nós temos requisitos básicos semelhantes, precisamos de nos alimentarmos, precisamos de refúgio, precisamos nos reproduzir para passar os nossos genes à geração seguinte. E é esta a lógica da vida que nos rege a nós como seres humanos e os restantes animais. O que realmente nos distingue, eventualmente, será a nossa capacidade de influenciar o meio que nos envolve. O ser humano tem uma capacidade de intervenção nos habitats e no meio em que estamos inseridos, que é inigualável em comparação com o resto dos animais.

E isto não é necessariamente bom quando não utilizamos essa capacidade para o bem do planeta, mas para uma perspectiva mais destrutiva. Acabamos por ter um impacto muito grande, não só na nossa própria qualidade de vida, como também nos restantes seres vivos. E isto tem levado a uma calamidade que nós conhecemos atualmente com uma sexta extinção em massa. É uma perda de biodiversidade acentuada nos últimos tempos, derivada da acção humana, desde as alterações climáticas, alterações dos habitats, em todas as intervenções que fazemos ao nível de pesticidas, infraestruturas de todo o tipo. E daí a necessidade de fazermos ações de conservação direta de espécies particularmente afectadas pela nossa acção. Os morcegos são uma delas, são um grupo que é particularmente afectado pela acção humana e daí a necessidade de fazermos ações de conservação para os morcegos.

Quais os mitos que vocês ouvem com mais frequência sobre os morcegos?

HELENA Um deles é transmitir doenças, que é uma meia verdade.(...) No caso desta situação do Covid, houve muitas notícias que não foram bem construídas e que levaram as pessoas a acreditar que a causa da doença vinha dos morcegos fez intensificar este mito que existe à volta dos morcegos. É verdade que eles podem transmitir doenças, como é o caso da raiva, e outras patologias, como o ébola, que pode ser transmitido pelos morcegos porque existem populações noutros continentes que se alimentam destas espécies e, logicamente, a ameaça é muito maior. Mas, no nosso continente, isso não é um problema. Portanto, é importante nós preservarmos os habitats onde eles ocorrem, para terem os seus habitats naturais e fazer com que não haja uma perda tão grande, e sejam forçados a entrar no nosso espaço. Portanto, enquanto eles tiverem o seu habitat não há esse perigo.

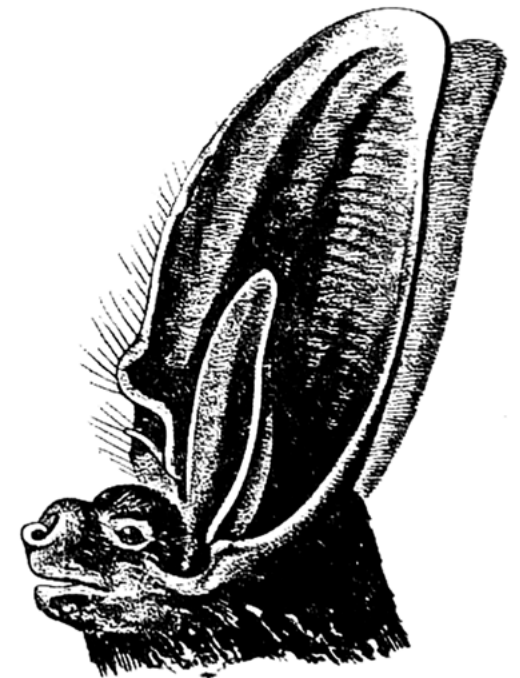


2



PEDRO Gostava de acrescentar duas notas: a primeira, que são morcegos que ocorrem na América do Sul, muito ameaçados, muito raros até. E, segunda, estes morcegos não perseguem ativamente as presas para sugar o sangue. É importante referir isto. São animais que estão feridos, normalmente grandes ruminantes, dos quais eles se aproveitam oportunisticamente. O que eles fazem é detectar o sangue pelo cheiro, uma vez que tem o olfato bastante desenvolvido, e depois lambem a ferida. A sua saliva tem um anticoagulante específico, que é a draculina, que faz com que a ferida não sare e se mantenha constantemente a jorrar sangue. Eles vão alimentando-se desse sangue que vai jorrando da ferida.

HELENA E há outra questão. Este morcego não vai levar o animal à morte.(...) Se morrer, é por outras consequências. É mais um ser vivo que está dentro da rede ecológica a aproveitar-se daquela situação, como outros animais fazem.



PEDRO Sim, depois, há outras duas ideias, uma, que os morcegos são cegos, é uma ideia falsa, os morcegos não são cegos, vêem bastante bem, como todos os animais nocturnos. Além disso, tem uma capacidade extra, que é a ecolocalização. Isso é muito interessante, porque isso permite-lhes deslocarem-se no escuro total, dentro de grutas, no meio de florestas densas, e caçar, alimentarem-se através de uma ferramenta, que também os mamíferos marinhos têm, mas poucos seres vivos têm na natureza. Isso também trouxe algumas ideias, alguma estranheza, no imaginário popular, como o facto de se pensar que se são cegos, como é que e se deslocam, não é? E como é que se orientam? Até é curioso, por acaso, quando vinha para cá pensei num verso de José Afonso na música que se chama Canção da Paciência, que ele diz, *Sou como um morcego, vejo sem ver/ Sou como um cego, sei esperar*. Portanto, a ideia de ver sem ver, é uma coisa que sempre entrou no imaginário popular, e também está na raiz de muitos mitos que se foram criando, à volta destes animais.

A maioria dos mitos que vocês citaram resultam da estranheza humana. Qual será a origem desta atitude?

HELENA Acho que um dos factos que leva à estranheza das pessoas, é viver à noite. Tudo o que está relacionado, provavelmente, com a escuridão, cria alguma estranheza, porque as pessoas não conseguem ver bem, não sabem como são os hábitos dos animais. Acho que isso é um ponto de partida principal para as pessoas estranharem. E serem pequeninos também, serem parecidos com os ratos, há pessoas que têm pavor a ratos.

PEDRO Na verdade, é um mamífero que voa, e isso é estranho só por si. As pessoas, muitas vezes, têm até dificuldade em compreender a que classe pertence um morcego, há pessoas que acham que os morcego são aves, outros acham que são ratos com asas, são de facto um grupo muito especial, muito específico, que evoluiu o voo de uma forma quase improvável. Todas as características físicas e fisiológicas dos morcegos foram ao longo de gerações desenhadas para o voo, e isso trouxe imensas consequências. E, portanto, as pessoas estranham, principalmente o que a Helena disse, são animais muito pouco observados, que se vêem muito mal, as pessoas não têm normalmente contacto directo com eles, e isso ajuda a criar um certo misticismo à volta deles.

Falando do misticismo, vocês têm alguma ideia do porquê de os morcegos serem associados aos vampiros?

PEDRO Por causa dos morcegos vampiros. Existe um grupo de morcegos que são hematófagos, alimentam-se de sangue, e daí provavelmente terá nascido essa história toda à volta dos vampiros. Mas é importante referir que só existem na América do Sul.

HELENA Se formos ver, as carraças também sugam sangue, as pulgas também. Os morcegos é a mesma coisa: são pequenos mamíferos que sugam sangue a outros mamíferos ruminantes grandes.

PEDRO Mas, agora, se puder acrescentar... existem outros mitos ainda mais curiosos, este aqui tem um impacto direto, a perseguição direta a morcegos. Mas, depois, à outros mitos muito peculiares: que os morcegos se agarram aos cabelos, que entram em casa atraídos pela luz, que são almas penadas do outro mundo, que transmitem mensagens que vêm do além, os sons que se ouvem dos morcegos à noite. São seres muito místicos, que transportam um imaginário há volta dos vampiros, de toda a ficção científica que se criou no último século, à volta desta ideia de sugadores de sangue.

HELENA O Conde Drácula?

PEDRO Exatamente. E, portanto, todo este imaginário persegue os morcegos.

HELENA E na verdade, é transversal a todos os animais que são nocturnos, as corujas, os morcegos...



Dracula, Bela Lugosi, 1931

E, por último, que pergunta vocês fariam a um morcego?

PEDRO O que podemos fazer para ajudar.

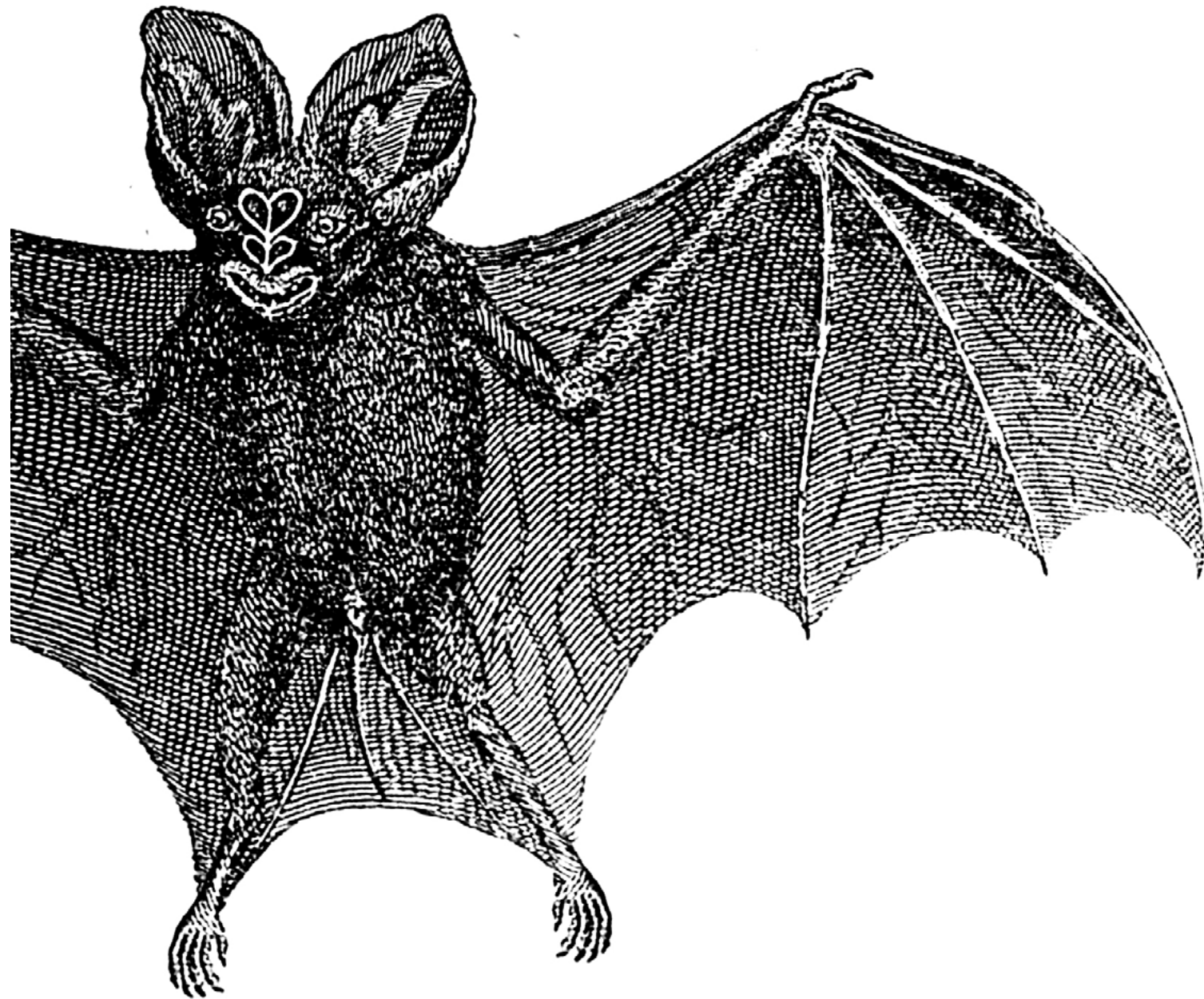
HELENA Eu perguntaria também onde é que vocês preferem estar? Às vezes, não é fácil perceber as preferências deles, e os seus requisitos ecológicos, às vezes deixam-nos um bocadinho baralhados quando estamos à sua procura e os tentamos estudar para tentar ajudá-los. Às vezes não é fácil. Quais são as preferências deles?

PEDRO Acho que os morcegos realmente precisam de ações de conservação, são dos grupos de mamíferos mais ameaçados da Europa e em Portugal também, e têm ameaças muito particulares nos sítios onde ocorrem, como a Helena disse, é fundamental também estudá-los, desenvolver esse conhecimento para podermos aplicar as práticas de conservação mais adequadas. Há morcegos cavernícolas que ocupam as grutas e as minas, há morcegos arborícolas que andam nas florestas mais densas e há morcegos fissurículas que ocupam esses espaços como estamos aqui a ver hoje. Todos eles sofrem ameaças diferentes, desde os pesticidas, parques eólicos, perseguição direta,(...) portanto, há um conjunto de ameaças e nós precisamos ativamente de os proteger e de os conservar. Se eles nos pudessem ajudar a percebermos melhor a forma como o pudéssemos fazer, acho que seria bastante útil.



3

HELENA Eu queria só acrescentar outra coisa. Estes animais, como outros, são bioindicadores da qualidade do ambiente. Se eles não estão bem,(...) quer dizer que o ambiente não está bem, e também não está bem para nós. E isso é importante. Portanto, na linha que o Pedro está a dizer, ao preservá-los, também estamos a preservar o nosso ecossistema.



Adivinha: O que é que foge da luz do dia, não tem penas, mas voa, e com leite os filhos cria?

Que inusitados são, bichos como os morcegos...
que a natureza fez tão esquivos, tão estranhos, tão noturnos...
São silêncio e vulto, são pura imaginação... são **MITO**.

São lembrança de um tempo antigo, são presença na lua cheia,
serão bichos que trazem consigo uma mensagem passageira... são **MEDO**.

Como veem eles sem ver? São cegos?
São aves sem ser?
São ratos de asas negras que se atacam aos cabelos das moças ao anoitecer...
são **ALMAS PENADAS**.

Ecoam nos vales e nas montanhas, ecos na noite escura.
Sons de arrepiar a alma mais pura.
Saindo das profundezas das grutas mais fundas, atravessam o portal para o outro mundo...
são **CRENÇAS**.

Que as bruxas os procuram... que os antigos secam e penduram...
São remédio prometido contra a inveja, o mau-olhado... são **SUGADORES DE SANGUE**.

Porque terá ela — a Natureza — criado seres que, não sendo, são...
vampiros, meio homens, meio lendas, que se escondem nas fendas e esperam?
Porque ser morcego é sossego nas noites mais limpas do verão...
serão **DOENÇAS?**

O que trazem no corpo? É o perigo do povo?
São doentes... ou doenças que espalham na multidão?
São pandemias e evidências... ou são certezas sem o ser?

NÃO são, NÃO!

Que inusitados são... bichos como os morcegos,
que habitam as florestas, as grutas, as aldeias, as cidades...
Cada vez menos! Cada vez menos!

São parte de nós. Da nossa história.
São presença, perto e longe, desde o tempo das cavernas — sem memória.
Caminhámos juntos, por milhares de anos, na imunidade às mesmas doenças,
aos mesmos vírus... aos mesmos mundos.
Somos grãos da mesma mó. Somos barro da mesma criação... são **SERES VIVOS**.

São comedores de insetos — alguns viventes impertinentes — são aliados da horta,
do campo, das crianças... são protetores invisíveis contra doenças emergentes...
São **PROTEÇÃO e SERVIÇO**.

São fonte de sabedoria, e da sua improbabilidade, nasce esperança contra os males da velhice,
da degeneração e do cancro... são **ESPERANÇA**.

São mamíferos como nós. Inofensivos!
Tão ameaçados... tão perseguidos...
Voadores impossíveis.

São seres incríveis — que voam, que correm, que trepam, que nadam... que cuidam.
São símbolo da noite, são símbolo da calma, do sossego do verão,
são demonstração da natureza improvável... São **MILAGRE**.

SÃO isso, SÃO.

São morcegos!

O projeto propõe uma revisão crítica das relações entre humanos e pombos, explorando aspetos históricos, ecológicos e simbólicos da espécie para compreender transformações e dinâmicas espaciais, socioculturais e geopolíticas contemporâneas que dividem, classificam e estigmatizam lugares, ecossistemas e corpos.

A partir de um olhar indisciplinar, aproxima-se de uma história multidimensional e alternativa desta espécie, entendida como interface metabólico para uma análise ambiental e política da relação entre o pombo e o humano, permitindo refletir sobre fenómenos territoriais e socioculturais contemporâneos.

Ao longo da história, a relação entre humanos e pombos oscilou entre a veneração e a marginalização. De produção alimentar a conservadores da natureza, de mensageiros essenciais em tempos de guerra a símbolos de resistência, de espécies-sentinelas a praga urbana, os pombos desafiam categorizações rígidas entre domesticado e selvagem, útil e descartável, centro e periferia. Esta ambiguidade torna-os agentes ideais para explorar tensões entre arquitetura, ecologia e urbanismo, investigando como políticas de especulação imobiliária, higienização urbana e gestão populacional refletem dinâmicas de exclusão e controlo espacial.

O pombo-das-rochas (*Columba livia*), ancestral dos pombos domesticados, terá sido uma das primeiras espécies a coexistir em proximidade com os humanos. Nesta investigação, os processos de domesticação são entendidos de forma mais sociológica do que genética, questionando a coevolução e os sistemas taxonómicos (como são disso exemplo os processos de *feralização*). A adaptabilidade do pombo permitiu que utilizasse a arquitetura humana como superfície para nidificação. Utilizando saliências e depressões geológicas na superfície urbana para a *Columba livia*, a distinção entre cidade e natureza, ou «polis» e «cosmo», é irrelevante.

Apesar do seu histórico de comodificação e instrumentalização tecnocientífica no século XIX e XX, esta espécie mantém, até hoje, o seu carácter bravo e de coexistência com o humano. As flutuações do estatuto da espécie ao longo da história permitem um olhar crítico e atento para ressignificar a natureza paradoxal da sua omnipresença e mitologias associadas – de símbolo de pureza e paz a praga urbana.

O entendimento do pombo como agente crítico de descodificação de políticas espaciais fornece ferramentas para se poder, por um lado, dismantlar lógicas de capitalização, estigmatização, turistificação, especulação, erosão e higienização das cidades e, por outro, regenerar ecossistemas em territórios periféricos marcados por políticas de abandono. São estabelecidas ligações transterritoriais entre áreas periféricas rurais e centros urbanos que permitem repensar a interação entre humanos e columbídeos. O pombo, como espécie que resiste e se adapta, permite explorar alternativas para o território, ativando uma ecologia de coexistência que contrasta com a lógica de domesticação e extração.

O projeto mapeia a multidimensional presença dos pombos e a forma como a sua fenomenologia e as manifestações culturais associadas refletem transformações espaciais e políticas na relação humano-natureza. Olhando para um espectro alargado de entanglements (históricos e contemporâneos) entre humanos e pombos, investigam-se casos de estudo no território português que incorporam diferentes tipos de tensões, extrapolando e expandindo temas de violência ambiental, abandono e erosão dos sistemas de conhecimento vernacular.

Estes casos são entendidos não como exemplos isolados, mas como uma rede de relações entre territórios com ressonâncias biorregionais.

Columba Livia Domestica contribui para a reflexão sobre justiça espacial e ambiental, propondo novas leituras sobre a forma como habitamos o território e nos relacionamos com outras espécies. A observação e indagação atenta aos pombos permite não apenas questionar como nos relacionamos com as ecologias «marginais» ao desenvolvimento humano, mas também, e consequentemente, dismantlar formas de violência inerentes à construção de diálogos interespecies. Os pombos podem dissolver monumentos, desestabilizar hierarquias e abrir espaço para imaginar alternativas de coabitação e resistência.

Constelação

Columba Livia Domestica produz e disponibiliza online (f-i-e-l-d.com) um mapeamento em forma de constelação que serve como ferramenta de levantamento e articulação dos casos de estudo.

f-i-e-l-d.com/interespecie



Apoios

O coletivo FIELD trabalha de forma horizontal e coletiva entre os elementos, recorrendo ao apoio científico e à colaboração da equipa multidisciplinar da associação Palombar – Conservação da Natureza e do Património Rural e de instituições e especialistas como o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, a Coleção de Ornitologia do Departamento de Biologia Animal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e a Associação Columbófila do Distrito do Porto.

A investigação é realizada ao abrigo da Bolsa de Criação Diogo Seixas Lopes, iniciativa do Centro de Arquitetura MAC/CCEB.

Festas do ciclo de inverno

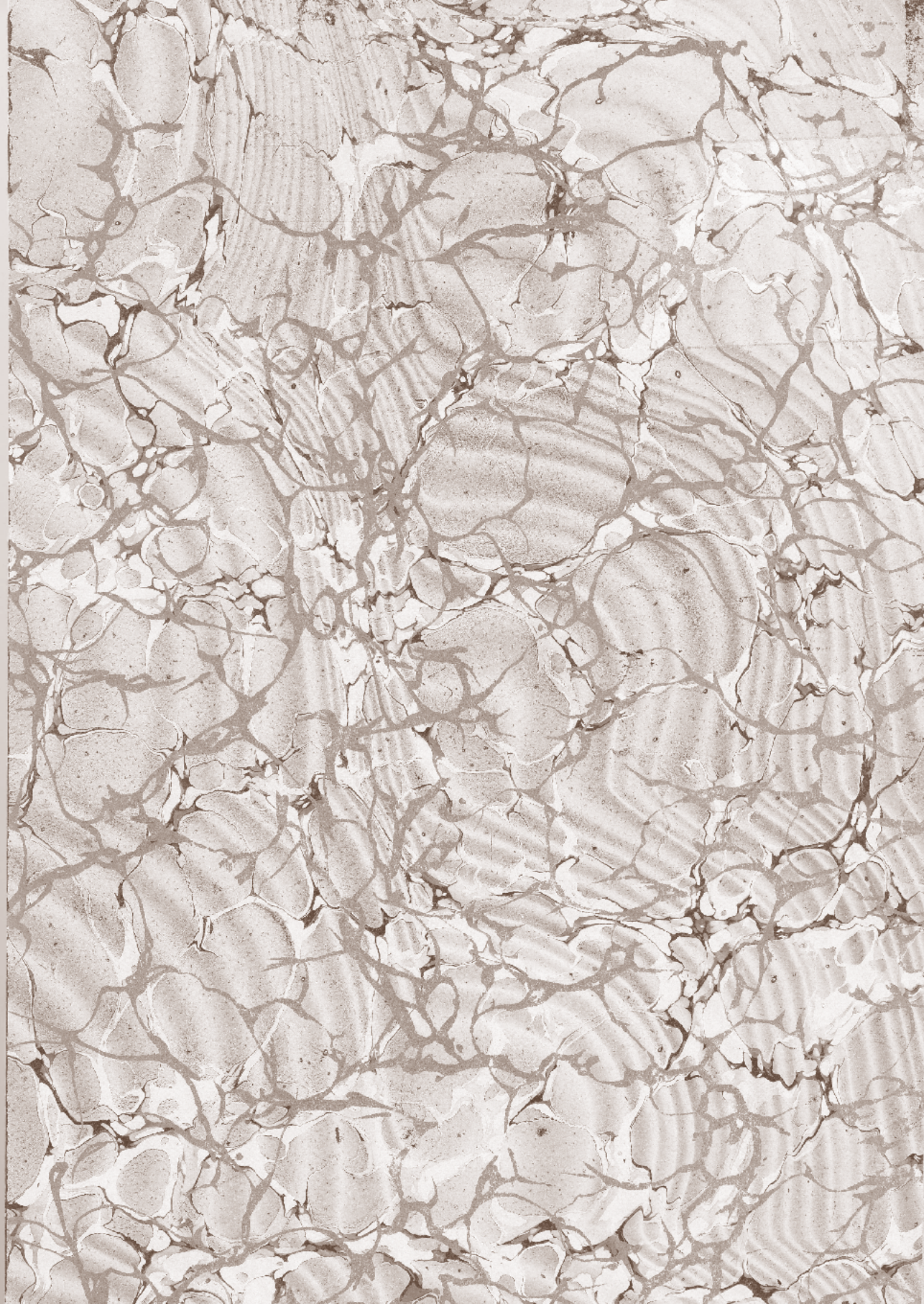
Cláudia Costa











Quick brown fox jumps over the lazy dog



FUTUROS PARTILHADOS

Como partilhar aquilo que ainda não aconteceu, o que ainda não presenciamos? O futuro pode ser a concretização de um desejo do presente, a transformação de uma intenção em gesto.

Mais do que um dever de cuidar do que é vivo, talvez devêssemos agradecer a possibilidade de habitar a mesma terra com tantos outros seres, quase sempre invisíveis aos nossos olhos, mas que estão aqui, que coabitam este mundo vivo.

Dizemos, muitas vezes, que vivemos num sítio especial. Repetimo-lo como um dito antigo. Mas seria verdadeiramente especial sem lobos, serpentes, corços, abutres? Estes seres mais-que-humanos que, por vezes, sentimos como ameaça, como obstáculo ao modo de vida que construímos. Parte desse medo nasce apenas do imaginário colectivo, alimentado por mitos, boatos e preconceitos. Outra parte, porém, é demasiado real: revela-se quando encontramos um vitelo morto, quando pensamos na agonia de uma ovelha levada pela fome do lobo, quando percebemos que o nosso sustento pode estar em risco.

Viver num lugar especial não significa viver num lugar perfeito. Nenhum paraíso está livre de fricções, e há um preço a pagar por isso...

O FUTUROS PARTILHADOS quer abandonar a ideia de "projecto" como algo distante e transformar uma intenção vaga numa possibilidade concreta: imaginar e construir uma vida em conjunto — animais, plantas, fungos e rochas. Será assim tão difícil?

Se queremos continuar a habitar num sítio especial, teremos de aprender a conviver.

A equipa,
FUTUROS PARTILHADOS

Ana Bragança É gestora cultural, especializada em projectos de participação, mediação e envolvimento comunitário.

Cláudia Costa Nasceu em Lisboa. Em 2011, trocou a cidade pelo campo, iniciando uma viagem de descoberta pelo Nordeste Transmontano e sua ruralidade. Trabalha desde então na Associação para o Estudo e Protecção do Gado Asinino (AEPGA). As pessoas, a paisagem e a natureza são a sua inspiração, retratando o quotidiano que a rodeia através da fotografia, sempre de forma amadora e livre.

Helena Raposeira Bióloga com Mestrado em Biologia Aplicada pela Universidade de Aveiro e doutoranda no BIOPOLIS/CIBIO da Universidade do Porto, em parceria com as Universidades de Coimbra e de Copenhaga. O seu trabalho centra-se na ligação entre ciência e conservação, promovendo estratégias de mitigação dos efeitos das alterações climáticas nos ecossistemas. Actualmente, colabora com a Associação Palombar.

Leonor de Carvalho Bióloga e comunicadora de ciência através de uma escrita criativa e interpretativa. As suas raízes rurais fazem com que as suas asas voem sempre para espaços onde o tradicional ainda vive, participando na sua preservação e entendimento. Devota do laço entre a cultura humana e a paisagem do selvagem.

Paulo Mendes É Prof. Aux. na UTAD, investigador integrado no CRIA e é autor, entre outros, dos livros “O Mar é que Manda” (editado pela Fundação Calouste Gulbenkian e, com versão em inglês, “The Sea Commands”, 2020, pela Berghahn Books), “Contos Antropológicos” (com Humberto Martins, 2021, Húmus) e “Cooling Down” (com Susanna Hoffman e Thomas Hylland Eriksen, 2022, Berghahn Books).

Pedro Almeida, artista multifacetado, natural de Guimarães, a viver actualmente em Miranda do Douro. É licenciado em Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha e mestrado em Educação Artística, na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, desenvolve o seu trabalho artístico em várias áreas.

Pedro Alves Natural de Braga e biólogo pela Universidade do Minho, integra a Palombar, onde desenvolve projetos de conservação, monitorização de fauna e educação ambiental. Dedicar-se também ao design e à fotografia de natureza e é organizador do Insitu – Festival de Imagem de Natureza de Vouzela.

Pedro Horta É biólogo e investigador, doutorado em Biodiversidade, Genética e Evolução pela Universidade do Porto, em colaboração com a Universidade de Exeter e a Estación Biológica de Doñana, com tese desenvolvida no âmbito da ecologia e evolução de quirópteros. Com mais de 15 anos de experiência em ecologia, evolução e conservação da natureza, tem dedicado o seu trabalho ao estudo da biodiversidade de vertebrados e à gestão sustentável dos ecossistemas naturais.

Tiago Patrício Nasceu no Funchal, cresceu na aldeia de Carviçais, em Trás-os-Montes. Foi Cadete da Escola Naval, frequentou a Aula do Risco e o CENJOR. Licenciou-se em Ciências Farmacêuticas em 2007 e em 2015 concluiu o mestrado em Teoria da Literatura sobre Terapias Literárias. O seu primeiro livro de poesia recebeu o prémio Daniel Faria e o seu primeiro romance o prémio Agustina Bessa-Luís. Actualmente é Director Adjunto da Farmácia do Tojal.

Uliana de Castro Cidadã do mundo com raízes lusolatinas. Licenciada em Jornalismo pela Universidade de Coimbra, percorreu durante uma década os caminhos da palavra – entre o jornalismo e a comunicação – até encontrar, em 2018, na Palombar – Conservação da Natureza e do Património Rural, o lugar onde a escrita surge intrincada no meio e na paisagem. Autora e coautora de livros de educação ambiental, cultiva a semente da curiosidade e da coexistência.

Título
ZONA DE CONTACTO

Edição Nº 0

Periodicidade Anual

Coordenação Editorial
Gonçalo Mota
Nuno Preto
Miguel Nóvoa
Sara Freire

Design e Direção de Arte
Gil Mac

Colaboradores desta edição
Ana Bragança
Cláudia Costa
Coletivo FIELD
Davina Falcão
Helena Raposeira
Iván Gutiérrez
João Ferreira
Leonor de Carvalho
Paulo Mendes
Pedro Almeida
Pedro Alves
Pedro Horta
Tiago Patrício
Uliana de Castro

10.º ano do AE Miranda do Douro
Ana Luísa Falcão
Julia Noemi de Souza
Gonçalo Lourenço
Gonçalo Esteves
Lara Sil
Francisco Fidalgo
Fernando Pires
Inês Preto

IRPI São Miguel – Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro
Maria Anália da Igreja
Maria preto santos Pires
Maria da Paixão Marques
Bernardina dos Anjos Tunidor
Isabel Maria Martins
José Maria Martins
Nuno Miguel Rodrigues

Todos os participantes
Alunos
Ana Luísa Falcão
Julia Noemi de Souza
Gonçalo Lourenço
Gonçalo Esteves
Lara Sil
Francisco Fidalgo
Fernando Pires
Inês Preto
João Magalhães
José Aleixo
Miguel Lopes
Simão Meirinhos
Inês Cruz
Isabelly Oliveira
Joel Silva
Henrique Lopes
Tiago Martins
Rodrigo Pereira

IRPI NOSSA SENHORA
DO MONTE – Duas Igrejas
Infância Peres
Irene Figueira
Quintina João
Prazeres Paz
Geraldo Moreira
Jaime Verde
Maria Cangueiro
Fábia Neto
Lucinda Diego

Coordenação
Palombar

Área de intervenção
Nordeste Transmontano

Parceiros
Câmara Municipal de Miranda do Douro
Lar da Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro
Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro

Apoio à edição
Associartecine – Associação de Dinamização dos Audiovisuais

Projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação “la Caixa” através da iniciativa PARTIS & Art for Change

E-mail
palombar@palombar.pt

Telefone
+351 964 695 511

Website
www.futurospartilhados.palombar.pt

Morada
Antiga Escola Primária
5230–232 Uva
Vimioso (Bragança)
Portugal

ISBN
978–989–54953–5–1

Depósito Legal
557560/25

Impressão
GRECA, Porto

Tiragem
500 exemplares



ZONA DE CONTACTO



Zona de contacto

Zona de contacto

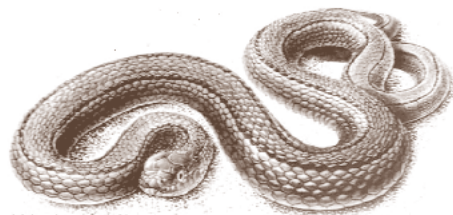
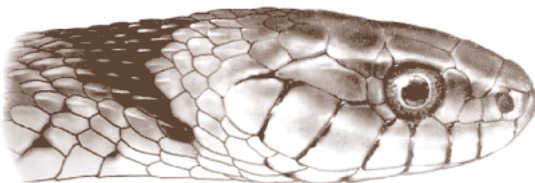


ZONA DE CONTACTO



Lobo LOBO

Zona de Contacto



ZONA DE CONTACTO

ZONA DE CONTACTO



Zona de Contacto



ZONA DE CONTACTO

ZONA DE CONTACTO

ABUTRE™

ABC



Zona de contacto



ZONA de CONTACTO

O projeto "Futuros Partilhados – Narrativas colaborativas para reimaginar uma convivência multiespécies" da Palombar – Conservação da Natureza e do Património Rural tem como objetivo principal criar histórias que conectem as comunidades humanas e a vida selvagem, desconstruindo preconceitos sobre o ambientalismo, bem como mitos associados a várias espécies, enquanto promove uma compreensão profunda e não-hierárquica das relações multiespécies e a conservação da biodiversidade.

Palombar



FINANCIADORES



OP-3-INGATIVA



PARTECIPES



Apresentado por

